

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (PPGA)
MESTRADO PROFISSIONAL**

**A COMPETITIVIDADE E O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE
AVES DAS COOPERATIVAS PARANAENSES (2006-2016)**

ANA CLAUDIA SAGGIN

CASCADEL

2017

Ana Claudia Saggin

**A COMPETITIVIDADE E O DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE
AVES DAS COOPERATIVAS PARANAENSES (2006-2016)**

**THE COMPETITIVENESS AND PERFORMANCE OF PARANA'S
COOPERATIVES POULTRY MEAT EXPORTS (2006-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) – Mestrado Profissional: da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Administração**.

Orientador: Professora Doutora Loreni Teresinha Brandalise

Coorientador: Professor Doutor Ivano Ribeiro

CASCADEL

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas – UNIOESTE)

S136c	<p>Saggin, Ana Claudia. A competitividade e o desempenho das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses (2006-2016) / Ana Claudia Saggin. --- Cascavel (PR), 2017. 83 f.</p> <p>Orientador: Professora Doutora Loreni Teresinha Brandalise Coorientador: Professor Doutor Ivano Ribeiro</p> <p>Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2017. Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) – mestrado profissional, Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Inclui bibliografia</p> <p>1. Concorrência. 2. Cooperativas. 3. Comércio internacional. 4. Carne de ave. I. Brandalise, Loreni Terezinha. II. Ribeiro, Ivano. III. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 658.835</p>
-------	---



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

ANA CLAUDIA SAGGIN

A competitividade e o desempenho das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses (2006-2016).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Administração, área de concentração Competitividade e Sustentabilidade, linha de pesquisa Sustentabilidade No Agronegócio, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a)- Loreni Teresinha Brandalise

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Ivano Ribeiro

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Edison Luiz Leismann

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Luiz Fernando Casagrande

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus de Pato Branco (UTFPR)

Cascavel, 13 de dezembro de 2017

DEDICATÓRIA

A Deus, por me proporcionar discernimento e conforto nos momentos de tribulação, clareza e sustentação nas decisões, resiliência e força diante às adversidades e por me permitir concluir mais este desafio!

AGRADECIMENTOS

“*O fracasso jamais me surpreenderá se minha decisão de vencer for suficientemente forte*”. Como no trecho do livro ‘O maior vendedor do mundo’ de Og Mandino a decisão pela busca de um sonho, apesar dos desafios enfrentados diariamente foi o que manteve acesa a chama que iluminou os passos dessa caminhada e não deixou fracassar a vontade de seguir o caminho. Neste percurso não estive sozinha, por isso agradeço:

A Deus primeiramente por prover a oportunidade e as condições necessárias para chegar até aqui. Aos meus pais Altair e Jacinta que não mediram esforços para me proporcionar educação e por compartilharem de meu sonho. Aos familiares e amigos pelo incentivo antes e durante esses anos de estudo, em especial ao meu irmão Leandro, cunhada Claudia e ao companheiro de vida Geovane de Bonfim que com muito amor e paciência se mantiveram ao meu lado dando todo o apoio necessário durante a caminhada.

Aos professores do programa Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA) – Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Prof. Dr. Claudio Antonio Rojo; Prof. Dr. Edison Luiz Leismann; Prof^ª. Dra. Elizandra da Silva; Prof^ª. Dra. Elza Hofer; Prof. Dr. Geysler Rogis Flor Bertolini; Prof. Dr. Ivano Ribeiro; Prof^ª. Dra. Prof. Dr. Jerry Adriani Johann; Prof^ª. Dra. Loreni Teresinha Brandalise; Prof. Dr. Marcio Miura; Prof. Dr. Ronaldo Bulhões; Prof^ª. Dra. Silvana Anita Walter e Prof^ª. Dra. Sandra Mara Stocker Lago, por todo o conhecimento e ensinamentos compartilhados.

À orientadora Prof^ª. Dra. Loreni Teresinha Brandalise pela maestria na condução das orientações tornando possível a conclusão desta dissertação. Ao Prof. Dr. Ivano Ribeiro pelas valiosas contribuições e pela coorientação. Aos Prof. Dr. Edison Luiz Leismann e Prof. Dr. Luiz Fernando Casagrande que gentilmente aceitaram o convite de participar da banca examinadora de defesa desta dissertação.

Aos colegas da turma de 2016 do Mestrado Profissional em Administração que tornaram as aulas e as tarefas mais leves e descontraídas, e em especial, às colegas Mileide Klitzke Gimenez, Rosana Alves Ferreira e Vanessa Cantú Gris pela amizade e parceria nas madrugadas de estudo além do companheirismo e risadas nos momentos de “desespero” e por compartilharem de momentos gratificantes e enriquecedores vivenciados no decorrer da caminhada.

A Copacol e a Faculdade Unica que permitiram minhas ausências e aos colegas que supriram minha falta nesses momentos. Em especial a Genézio Clemente Junior e Valdemir Paulino dos Santos por todo incentivo e contribuição para minha formação profissional e acadêmica e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desta dissertação.

RESUMO

SAGGIN, Ana Claudia. A competitividade e o desempenho das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses (2006-2016). 2017. 83 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) – Mestrado Profissional) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

As cooperativas agroindustriais brasileiras vêm assumindo papel de destaque no cenário internacional, razão pela qual desenvolveu-se este estudo, com objetivo de analisar o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses no período de 2006 a 2016. Apesar da conhecida relevância do comércio internacional para o setor do agronegócio brasileiro e especialmente paranaense, que por sua vez tem grande parte de seu desempenho sustentado por cooperativas agroindustriais, a produção científica acerca do tema é baixa, ressaltando-se a existência de uma lacuna de pesquisa. Assim, justifica-se a realização desse estudo pela importância econômica das cooperativas paranaenses para o comércio internacional do setor agroindustrial brasileiro, especialmente no segmento de carne de aves, além do papel social exercido pelas cooperativas como fonte de sustentação para pequenos produtores rurais. Na pesquisa foi analisado o desempenho exportador das seis cooperativas paranaenses exportadoras de carne aves. A coleta dos dados realizou-se por meio do Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice Web), Secretaria de Comércio Exterior (Secex), *United Nations Commodity Trade Statistics Data base* (UnComtrade) e Organização Mundial do Comércio (OMC). Os dados foram analisados por métodos diversos, como: Método *Constant Market Share* – CMS; Índice de Esforço Exportador – IEE; Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR; Índice de Orientação Regional – IOR; Índice de cobertura – IC e Índice de frequência - IF. Os resultados apontam para a força das cooperativas analisadas, com números que superam o desempenho do Paraná e do Brasil. Por meio do Índice de Orientação Regional foi possível identificar que as exportações das cooperativas paranaenses estão orientadas para China e África do Sul. Por meio do Índice das Vantagens Comparativas Reveladas, foi possível identificar que as cooperativas paranaenses apresentam índices muito superiores aos do Brasil e dos principais países produtores de carne de aves. O Índice de Esforço Exportador dos municípios paranaenses onde se localizam os frigoríficos das cooperativas em estudo revela a dependência da economia do município nas exportações dessas empresas. Por meio do Índice de Cobertura e Frequência constatou-se que a União Europeia apresentou um alto índice de protecionismo, o que explica a queda nos volumes exportados para a Europa no período analisado.

Palavras-chave: Competitividade; Negócios internacionais; Internacionalização; Cooperativas; Comércio Exterior.

ABSTRACT

Brazilian Agroindustry Cooperatives have been assuming a prominent role in the international scenario, which is the reason why this study was developed, with the objective of analyze the performance and competitiveness of the Poultry Export Cooperatives in Paraná state from 2006 to 2016. Despite the known relevance of international trade for the Brazilian and especially the Parana's agribusiness sector, which in turn has a large part of its performance supported by Agroindustry Cooperatives, the scientific production on the subject is low, highlighting the existence of a research gap. Thus, it is justified to carry out this study because of the economic importance of the cooperatives of Paraná for international trade in the Brazilian Agroindustry Sector, especially in the poultry meat segment, as well as the social role played by cooperatives as a source of support for small farmers. In the research the export performance of the six meat exporting poultry cooperatives was analyzed. Data collection was done through the Foreign Trade Information Analysis System (Alice Web), the Brazilian Secretariat of Foreign Trade (Secex), the United Nations Commodity Trade Data Base (UnComtrade) and the World Trade Organization (WTO). The data were analyzed by several methods, such as: Constant Market Share Method - CMS; Exporter Effort Index - IEE; Revealed Comparative Advantage Index - IVCR; Regional Guidance Index - IOR; Coverage index – IC and Frequency index - IF. The results point to the strength of the cooperatives analyzed, with numbers that outperform the performance of Paraná and Brazil. Through the Regional Guidance Index, it was possible to identify that the exports of the cooperatives of Paraná are oriented towards China and South Africa. Through the Comparative Advantages Revealed Index, it was possible to identify that the cooperatives of Paraná have indices much superior to those of Brazil and the major poultry meat producing countries. The Export Effort Index of the cities of Paraná where the slaughterhouse of the cooperatives under study are located reveals the dependence of the cities' s economy on the exports of these companies. Through the Coverage and Frequency Index, it was found that the European Union presented a high index of protectionism, which explains the fall in volumes exported to Europe in the period analyzed.

Keywords: Competitiveness; International trade; Internationalization; Cooperatives; Foreign trade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Matriz de amarração entre os objetivos e os procedimentos metodológicos	19
Figura 2. Distribuição das exportações brasileiras por país de destino em 2016	26
Figura 3. Intercâmbio comercial Brasil-China	27
Figura 4. Exportações brasileiras para China por fator agregado.....	27
Figura 5. Exportações do agronegócio brasileiro	28
Figura 6. Principais resultados da temática Volume de Exportações.....	36
Figura 7. Principais resultados da temática Competitividade Internacional	37
Figura 8. Principais resultados da temática Canais de Distribuição.....	38
Figura 9. Principais resultados da temática Gestão de Custos	39
Figura 10. Principais resultados das temáticas diversas	40
Figura 11. Cooperativas paranaenses exportadoras de aves.....	43
Figura 12. Procedimento de análise de dados	44
Figura 13. Classificação de carne aves por código NCM.....	45
Figura 14. Relação entre Índice de Frequência e Índice de Cobertura.....	51
Figura 15. Exportação de carne de aves das cooperativas paranaenses (em US\$) por país de destino.....	54
Figura 16. Índice de Esforço Exportador do Brasil, região Sul e seus estados	56
Figura 17. Índice de Esforço Exportador dos municípios de domicílio fiscal das Cooperativas Paranaenses exportadoras de carne de aves.....	57
Figura 18. Exportação dos municípios de domicílio fiscal das Cooperativas Paranaenses exportadoras de carne de aves em milhões de dólares FOB.....	58
Figura 19. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016) dos estados da região sul do Brasil	60
Figura 20. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016) dos principais produtores e consumidores mundiais do produto (escala secundária para o IVCR Brasil).....	61
Figura 21. Alcance dos objetivos específicos.....	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Valor médio (em milhões US\$) das exportações de carne de aves e participação (%) do Brasil, Paraná e cooperativas paranaenses nas exportações mundiais de carne de aves	53
Tabela 2: Fontes de crescimento das exportações de aves das cooperativas paranaenses, no período de 2006 a 2016	54
Tabela 3: Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016).....	59
Tabela 4: Índice de Orientação Regional (IOR) para carne de frango exportada pelo Brasil ..	62
Tabela 5: Índice de Orientação Regional (IOR) para carne de frango exportada pelas cooperativas paranaenses.....	63
Tabela 6: Incidência de barreiras TBT e SPS.....	65
Tabela 7: Incidência de barreiras TBT e SPS para o produto ‘carne de aves’	65
Tabela 8: Índices de Cobertura e Frequência para o produto ‘carne de aves’	66

LISTA DE SIGLAS

ABPA	Associação Brasileira de Proteína Animal
ACI	Aliança Cooperativista Internacional
ALICEWEB	Análise das Informações de Comércio Exterior
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CMS	<i>Constant Market Share</i>
IC	Índice de Cobertura
IEE	Índice de Esforço exportador
IF	Índice de Frequência
IOR	Índice de Orientação Regional
IVCR	Índice de Vantagem Comparativa Revelada
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
NCM	Nomenclatura Comum do Mercosul
OCB	Organização das Cooperativas Brasileiras
OCEPAR	Organização das Cooperativas do Estado do Paraná
OECD	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMC	Organização Mundial do Comércio
PIB	Produto Interno Bruto
SECEX	Secretaria de Comércio Exterior
SH 06	Sistema Harmonizado com 06 dígitos
SPS	Barreiras Sanitárias e Fitossanitárias
TBT	Barreiras Técnicas ao Comércio
UNCOMTRADE	<i>United Nations Commodity Trade Statistics Data Base</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	14
1.2	OBJETIVOS	16
1.2.1	Geral	16
1.2.2	Específicos.....	16
1.3	JUSTIFICATIVA	16
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	17
2	REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	20
2.1	COMÉRCIO INTERNACIONAL	20
2.1.1	Teoria Clássica do Comércio Exterior.....	21
2.1.2	Teoria Neoclássica do Comércio Exterior.....	22
2.1.3	Barreiras Comerciais	24
2.2	O COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASILEIRO.....	25
2.3	COMPETITIVIDADE NO AGRONEGÓCIO COOPERATIVISTA	29
2.4	O COOPERATIVISMO E O AGRONEGÓCIO PARANAENSE.....	31
2.5	ESTUDOS CORRELATOS SOBRE EXPORTAÇÕES DE COOPERATIVAS.....	32
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	42
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	42
3.2	UNIVERSO	43
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	44
3.4	PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS	45
3.4.1	Método <i>Constant Market Share</i> – CMS.....	45
3.4.2	Índice de Esforço Exportador – IEE.....	47
3.4.3	Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR.....	47
3.4.4	Índice de Orientação Regional - IOR	48

3.4.5	Índice de Cobertura – IC e Índice de Frequência - IF	49
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	52
4.1	ANÁLISE DO CONSTANT MARKET SHARE (CMS).....	52
4.1.1	<i>Market Share</i> das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses.....	52
4.1.2	Fontes de crescimento das exportações das cooperativas paranaenses no período de 2006 a 2016	54
4.2	ANÁLISE DO ÍNDICE DE ESFORÇO EXPORTADOR (IEE).....	56
4.3	ANÁLISE DO ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS (IVCR).....	58
4.4	ANÁLISE DA ORIENTAÇÃO REGIONAL (IOR)	62
4.5	ANÁLISE DO ÍNDICE DE COBERTURA (IC) E DE FREQUÊNCIA (IF)	64
4.6	DISCUSSÃO	67
4.6.1	Limitações e pesquisas futuras	71
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS	74
	APÊNDICE A – DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE AVES DAS COOPERATIVAS PARANAENSES (US\$).....	81

1 INTRODUÇÃO

A participação do Brasil no comércio internacional instigado pela expansão dos acordos comerciais proporciona às empresas brasileiras maior competitividade no mercado internacional (Gurgel *et al.*, 2009). Ademais, dispendo de uma boa estrutura de produção agregada à disponibilidade tecnológica, custos de produção e distribuição compatíveis com os padrões internacionais e uma estrutura de governança efetiva, as empresas se preparam para competir no mercado atendendo os padrões de comércio internacional (Zylbersztajn, 1994; Benos *et al.*, 2016).

Observa-se que as políticas públicas internacionais e os acordos comerciais impactam positivamente no volume das exportações brasileiras, que apresentaram um crescimento expressivo nos valores advindos do agronegócio no período de 2006 a 2013, com uma queda após 2014 decorrente da crise econômica brasileira. O Paraná, em cenário oposto manteve o crescimento das exportações agropecuárias no período, consolidando sua posição entre as maiores unidades federativas exportadoras de alimentos (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento [Mapa], 2017).

No ano de 2015, esse crescimento manteve o estado como o quinto maior exportador entre os estados da federação. Dentre os produtos mais exportados do agronegócio paranaense destacam-se a soja e as carnes. No setor de carnes, o Paraná se destaca como maior exportador brasileiro de carne de frango, responsável por cerca de 32% da produção e 37% das exportações nacionais (Associação Brasileira de Proteína Animal [Abpa], 2016).

A relevância do estado do Paraná no comércio exterior brasileiro é resultado de fatores como clima, disponibilidade e investimento em tecnologias e sistema cooperativista sólido. As cooperativas paranaenses figuram como importantes agentes responsáveis pelo sucesso do estado no setor, visto que, quatro entre as sete maiores empresas exportadoras de aves do Brasil são cooperativas e destas 3 são paranaenses (Abpa, 2017).

As cooperativas podem ser consideradas como uma forma de enfrentar a concorrência imposta por grandes organizações, nacionais e internacionais. Tal concorrência exige que as cooperativas se estruturam de forma a exercer competitividade no mercado, sem deixar de lado os valores e princípios cooperativistas. O cooperativismo é um importante movimento social que contribui para o desenvolvimento de pequenos produtores rurais e das regiões afastadas de grandes centros. As cooperativas atuam como fonte de competitividade para os produtores que

individualmente apresentam baixo volume de produção e, por conta disso, não conseguiriam atuar no mercado internacional (Boone & Özcan, 2014).

É necessário que a cooperativa exportadora seja sensível ao mercado, identificando suas características e adaptando seu produto afim de gerar aderência do produto ao mercado (Zilber, Mora Júnior & Silva, 2010), pois a escolha correta do canal de distribuição e estratégia de atuação é fundamental para o sucesso das organizações no mercado internacional. Porém, as exportações podem ser diretamente afetadas por políticas protecionistas e barreiras não-tarifárias. Então, não basta somente o esforço dos exportadores em atuar no mercado externo, é necessário que o país atue ativamente e estabeleça uma política externa favorável às exportações (Gurgel *et al.*, 2009; Benos *et al.*, 2016).

Contudo, o índice de produção científica nessa área temática é muito baixo (Benos *et al.*, 2016), por isso, este estudo propôs analisar o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses, observando fatores como participação no mercado, competitividade, orientação regional e incidência de barreiras ao comércio.

O ineditismo da pesquisa se dá pelo panorama obtido da combinação dos Índices de Vantagem Comparativa Revelada, Esforço Exportador, Orientação Regional, Cobertura e Frequência, aliados ao método *Constant Market Share*, para a categoria de empresas analisada, o que permitiu relacionar fatores econômicos, de desempenho e mercadológicos. Outras pesquisas que abordam esses mesmos índices não isolam uma categoria específica de empresas.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O movimento de abertura econômica promovida pelo Brasil nos anos 90, proporcionou às empresas brasileiras maior visibilidade voltada ao comércio internacional, fato que condicionou essas empresas a uma estruturação (maior acesso tecnológico e garantia de qualidade) de forma a exercer maior competitividade no mercado externo pautado no maior volume de investimento externo direcionado ao país após esse movimento (Oliveira & Oliveira, 2004).

Como reflexo desse movimento observa-se o aumento no valor das exportações brasileiras que passou de 137 bilhões de dólares em 2006 para 185 bilhões de dólares em 2016

(Brasil, 2017a). Tal movimento de abertura comercial foi pautado essencialmente em produtos sem ou com pouca transformação industrial e de baixa intensidade tecnológica, com destaque para as *commodities* agrícolas (Silva, Lima & Xavier, 2011).

O setor agroindustrial brasileiro é considerado o setor mais importante para a retomada da economia nacional, representando 21% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro (Santander, 2017). No agronegócio uma categoria específica de empresas merece atenção: o setor cooperativista brasileiro, responsável por grande parte da movimentação do agronegócio do país. Nesse cenário, destacam-se as cooperativas agroindustriais, uma vez que as exportações do agronegócio chegam a 99% do total exportado por cooperativas em 2016 (Brasil, 2017a).

O cooperativismo representa um importante movimento no país e é destacado por Gurgel *et al.* (2009) como uma importante fonte de produção e exportação para o sistema agroindustrial brasileiro. Além disso, é considerado um habilidoso sistema capaz de gerar benefícios econômicos a seus cooperados em uma cadeia orientada para o mercado (Höhler & Kühn, 2014).

No agronegócio paranaense as cooperativas apresentam destaque com 56% da produção agropecuária do estado (Organização das Cooperativas Brasileiras [OCB], 2017a). Porém, é necessário atentar que a representatividade em volume não é sinônimo de competitividade no mercado. Apesar da representatividade das cooperativas nas exportações brasileiras, conforme aponta Ritossa, Ferreira e Predebom (2010), as investigações acerca do tema internacionalização de organizações são voltadas, na maioria das vezes, para grandes empresas.

As cooperativas, podem ser consideradas como uma forma de enfrentar a concorrência imposta por grandes organizações, nacionais e internacionais. Tal concorrência exige que as cooperativas se estruturam de forma a exercer competitividade no mercado, sem deixar de lado os valores e princípios cooperativistas.

Neste contexto, buscando descobrir se as cooperativas paranaenses são competitivas e qual seu desempenho no comércio exterior, a questão que norteia este estudo é: Qual é o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses?

1.2 OBJETIVOS

Esta dissertação tem os objetivos descritos na sequência.

1.2.1 Geral

Analisar o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses no período de 2006 a 2016.

1.2.2 Específicos

- a) Caracterizar o mercado mundial de carne de aves e o destino das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses;
- b) Analisar a evolução, tendência e participação das cooperativas paranaenses no comércio mundial de aves;
- c) Verificar a existência de vantagem comparativa revelada nas exportações das cooperativas paranaenses;
- d) Mensurar o volume das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses comprometido por barreiras comerciais.

1.3 JUSTIFICATIVA

Ao analisar atividades isoladas do agronegócio brasileiro as cooperativas demonstram sua representatividade e importância. Na avicultura de corte, por exemplo, as cooperativas se sobressaem no *ranking* dos maiores exportadores, sendo quatro entre as sete maiores empresas exportadoras do setor (Abpa, 2017), ressaltando a força do cooperativismo como importante fonte de produção e exportação para o sistema agroindustrial brasileiro (Gurgel *et al.*, 2009).

O cooperativismo agropecuário brasileiro é um dos mais importantes e maiores do mundo, formado por 1.555 cooperativas, 1,06 milhão de cooperados e 189 mil empregos diretos (Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná [Ocepar], 2017), sendo responsável por cerca de 99% do intercâmbio comercial das cooperativas brasileiras (Brasil, 2016).

No Paraná, o agronegócio é composto por 69 cooperativas, reunindo 151.367 associados e 70.171 empregados. As cooperativas agropecuárias respondem por 56% de toda produção agropecuária paranaense, participando intensa e ativamente de todo o processo produtivo, de beneficiamento, armazenagem e industrialização, agregando valor à aproximadamente 48% de toda produção (Ocepar, 2017).

É notória a importância econômica das cooperativas paranaenses para o setor agroindustrial brasileiro, além do papel social exercido pelas cooperativas que é destacado por Boone e Özcan (2014) como fonte de sustentação para pequenos produtores rurais. Sendo assim, necessário avaliar qual a competitividade exercida pelas cooperativas paranaenses no comércio mundial de carne de aves e identificar a existência de oportunidades a serem capturadas por essas empresas, justificando-se assim essa pesquisa.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma:

- Capítulo 1: Apresenta a introdução da pesquisa de dissertação, com a contextualização da atuação das cooperativas agroindustriais no comércio exterior. Neste capítulo também são apresentados: o problema em estudo; o objetivo geral e objetivos específicos; e a justificativa da pesquisa.
- Capítulo 2: Este capítulo trata do referencial teórico sobre comércio internacional, explanando sobre as principais teorias de base. Também são referenciados os principais tópicos sobre a atuação do Brasil e das cooperativas no comércio internacional. Abordam-se também as experiências de estudos similares no Brasil.
- Capítulo 3: Neste capítulo são apresentados os métodos e técnicas de pesquisa utilizados, bem como os procedimentos de coleta dos dados. Também são descritos os procedimentos de análise dos dados: *Constant Market Share*, Índice do Esforço Exportador, Índice de Vantagens Comparativas Reveladas, Índice de Orientação Regional e Índice de Cobertura e Frequência.
- Capítulo 4: No capítulo 4 são apresentados os resultados dos cálculos dos índices e uma breve discussão a respeito desses resultados, realizando a comparação do desempenho das cooperativas paranaenses com o desempenho do Paraná e do Brasil.
- Capítulo 5: São realizadas as principais considerações da pesquisa.

Para o atingimento dos objetivos desta pesquisa foram utilizadas algumas técnicas específicas de análise de dados, dessa forma a Figura 1 representa as técnicas de análise de dados que foram empregadas para que os objetivos desta pesquisa sejam atingidos.

Questão de pesquisa	Objetivos da pesquisa	Procedimentos
Qual é o nível de competitividade e qual o desempenho das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses?	Caracterizar o mercado mundial de carne de aves e o destino das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses.	Organização e análise de dados secundários e utilização do Índice de Orientação Regional de Yeats (1997).
	Analisar a evolução, tendência e participação das cooperativas paranaenses no comércio mundial de aves.	Utilização do método <i>Constant Market Share</i> e Índice De Esforço Exportador.
	Verificar a existência de vantagem comparativa revelada nas exportações das cooperativas paranaenses.	Utilização do Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa (1965).
	Mensurar o volume das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses está comprometida por barreiras comerciais.	Utilização dos Índices de Cobertura e de Frequência.

Figura 1. Matriz de amarração entre os objetivos e os procedimentos metodológicos

Fonte: Dados da pesquisa

A questão de pesquisa e objetivo geral foram desdobrados em quatro objetivos específicos para viabilizar a pesquisa. Para que o objetivo ‘a’ fosse atingido foi empregado o Índice de Orientação Regional de Yeats (1997) que proporcionou identificar a existência de orientação regional para as exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses.

Para atingir o objetivo específico ‘b’ foi utilizado o método *Constant Market Share* que proporcionou a análise da evolução das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses bem como realizar um comparativo dessa evolução com a evolução brasileira. Também foi utilizado o Índice do Esforço Exportador que proporcionou identificar a participação das exportações dessas cooperativas.

A utilização do Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa (1965), foi empregado para o atingimento do objetivo específico ‘c’. Já para o objetivo específico ‘d’ foram utilizados os Índices de Cobertura e de Frequência, que proporcionaram a identificação do percentual das exportações de carne de aves das cooperativas que está comprometido por barreiras não tarifárias e o percentual que está livre dessas barreiras.

2 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Neste capítulo apresentam-se argumentos teóricos que contextualizam as relações econômicas internacionais, as teorias de base que explicam a troca comercial entre os países e as práticas protecionistas dos países no âmbito do comércio exterior brasileiro.

2.1 COMÉRCIO INTERNACIONAL

Ao proporcionar aumento de riquezas para os países e a obtenção de produtos diferenciados com novas disponibilidades tecnológicas, o comércio internacional tem sido um campo de estudo explorado em diversas pesquisas (Chang, 2011). Segundo Cannon (1980), o comércio internacional, em especial as exportações, são responsáveis pelo sucesso de muitas empresas de variados portes e naturezas.

Os desafios inerentes ao comércio internacional são muitos e são relacionados principalmente a questões culturais, de sistema financeiro e exigências dos importadores (Cannon, 1980). Em consonância, Reis (2008) complementa que o comércio internacional e a competitividade de um país são afetados por fatores como taxa de câmbio, preços e custos além da capacidade produtiva de cada região.

Nesse sentido, uma preocupação latente e apresentada por Silva, Lima & Xavier (2011) é a forma com que cada país, em especial os emergentes, irá se inserir no comércio internacional. Os autores ainda destacam que a exemplo do Brasil, outros países emergentes se consolidam como grandes exportadores de *commodities* enquanto os demais setores apresentam *déficit* comercial, cenário oposto ao dos países desenvolvidos, que em sua maioria são exportadores de produtos industriais e de alta intensidade tecnológica.

De forma mais simplista, os países emergentes exportam *commodities* e importam os produtos derivados que são industrializados nos países desenvolvidos, afirmando as lógicas ressaltadas por Lye e Hamilton (2000) de que para cada exportador deve existir ao menos um importador e de Smith (1985), de que não necessariamente deve existir um *superávit* na balança comercial para que as trocas realizadas entre os países apresentem vantagens.

Esse intercâmbio comercial entre os países é estudado ao longo dos anos com a motivação de explicar as razões que levam os países a comercializar produtos entre si. Assim, a seguir são abordadas algumas das principais teorias que buscam explicar esse intercâmbio comercial: Teoria Clássica do Comércio Exterior e Teoria Neoclássica do Comércio Exterior.

2.1.1 Teoria Clássica do Comércio Exterior

A relação das trocas comerciais entre os países passou a ser discutida com maior intensidade a partir da segunda metade do século XVIII. Até então, como ressaltam Coutinho *et al.* (2005), o comércio internacional era explicado pelo atingimento do *superávit* comercial. Smith (1985), em sua obra ‘A Riqueza das Nações’, publicada originalmente em 1776, auferiu que as trocas comerciais entre os países podem ser benéficas para ambos, mesmo sem haver um excedente comercial.

Ao postular a **Teoria das Vantagens Absolutas**, Smith (1985) afirma que um país sempre terá vantagem na produção de um item em relação aos demais países, ou seja, a quantidade de horas necessárias para a produção de um item é sempre menor em um país que em outro e cada país possui vantagem em ao menos um item. Com isso, ambos os países são beneficiados, pois cada um pagará os produtos importados com os produtos que produzem a um custo menor.

Acerca das vantagens absolutas Maia (2001) sintetiza que, quando um país apresenta uma vantagem absoluta em relação a outro país na produção de um produto, ao mesmo tempo em que apresenta uma desvantagem absoluta na produção de um segundo produto em relação ao outro país, ambos podem ser beneficiados pela troca de parte da produção que são especializados pelos produtos que possuem desvantagem absoluta.

De acordo com Fries (2013), para Smith cada nação deveria se especializar na produção de mercadorias que apresentassem vantagem absoluta. O excedente de produção deveria ser exportado e a receita decorrente dessa exportação deveria ser utilizada na importação das mercadorias produzidas em outro país.

Maia (2001) observa dois pontos críticos em relação à teoria de Smith (1985). Primeiramente o fato de Smith considerar que o principal fator de formação do preço de uma mercadoria é a quantidade de horas utilizadas na fabricação desse produto, enquanto fatores como matéria prima, mão de obra, investimentos, *know-how* também compõe o preço de um produto. O autor também adverte que um pressuposto da teoria das vantagens absolutas é que cada país sempre possui vantagem absoluta em algum produto, mas não considera o fato de algum país não possuir vantagem absoluta.

Ricardo (1996), em sua obra ‘Princípios de Economia Política e Tributação’, publicada originalmente em 1817, propõe a **Teoria das Vantagens Comparativas**, que ao contemplar situações de comércio onde há desvantagem absoluta, preenche a lacuna existente na teoria de

Smith (1985). Para Silva, Lima e Xavier (2011) a comercialização internacional de bens da economia de um país está relacionada com a Teoria das Vantagens Comparativas.

Segundo Maia (2001), essa teoria demonstra a existência de comércio internacional, mesmo que um país não apresente custos de produção inferiores a outros países. Além de sugerir que o padrão de comércio de uma nação é mensurado a partir dos fluxos comerciais dessa nação (Silva, Lima & Xavier, 2011).

Em consonância, Maia (2001) e Coutinho *et al.* (2005) também advertem que a Teoria das Vantagens Comparativas sugere a especialização de um país na produção de determinado produto. Dessa forma, os países tendem a exportar os produtos nos quais apresentam maior vantagem comparativa e importarão os produtos que possuem menor vantagem comparativa.

Ao incluir o fator de demanda à teoria de Ricardo, Mill (1996) formulou a Teoria da Demanda Recíproca que sugere que o comércio internacional entre dois países ocorre quando os custos de produção equalizam a demanda nos dois países. De maneira resumida, a teoria sugere que um país que possui vantagem mínima em um produto deixaria de produzir esse item para direcionar mão de obra na produção de outro item que possui vantagem maior e maior demanda de consumo.

Maia (2001) adverte que teorias clássicas, em especial a teoria de Ricardo (1996) também chamada de teoria ricardiana, não se ajustam perfeitamente às condições atuais de comércio exterior por considerarem a mão de obra como único fator de produção. A disponibilidade tecnológica disponível e variação comercial imposta ao comércio imprimem um novo caráter à troca comercial.

Apesar dessas restrições, Coutinho *et al.* (2005) aclaram que estudos empíricos atuais confirmam o prognóstico da Teoria das Vantagem Comparativas. Esse prognóstico prevê que os países possuem uma tendência de exportar as mercadorias que possuem alta produtividade (vantagem comparativa) e importar as mercadorias que possuem baixa produtividade (vantagem comparativa menor).

2.1.2 Teoria Neoclássica do Comércio Exterior

A teoria moderna de Comércio exterior, conhecida como Teoria Neoclássica do Comércio Internacional teve o início de suas discussões no ano de 1919 com o lançamento do artigo ‘Os Efeitos do Comércio Exterior sobre a Distribuição da Renda’, escrito pelo

economista Eli Heckscher. As ideias de Heckscher foram complementadas por outro economista da época, Bertil Ohlin, em sua obra ‘Comércio Inter-regional e Internacional’ (Fries, 2013). A teoria desenvolvida pelos economistas suecos ficou conhecida como **Teorema de Heckscher-Ohlin** ou **Modelo Neoclássico de Comércio Internacional** (Coutinho *et al.*, 2005; Fries, 2013; Maia, 2001).

Maia (2001) ressalta que tanto a teoria clássica quanto a neoclássica tem como ponto norteador o custo comparativo. Enquanto a teoria clássica se baseia no custo comparativo-trabalho, a teoria neoclássica tem como base o custo comparativo-oportunidades. O autor ainda relata que para Heckscher e Ohlin a diferença do custo de um produto de um país para outro é decorrente dos diversos fatores de produção que cada país possui (natureza, trabalho e capital).

Corroborando essa ideia, Coutinho *et al.* (2005) aclaram que no modelo de Heckscher-Ohlin os países buscam a especialização na produção de mercadorias que utilizam fatores de produção com abundância relativa. Dessa forma, os países exportam mercadorias que apresentam fatores de produção abundantes e importam mercadorias cujos fatores produtivos são menos abundantes em seu território, gerando equilíbrio no comércio internacional entre os países (Brito & Silva, 2016).

Os pressupostos base para o Teorema de Heckscher-Ohlin são descritos por Coronel e Dessimon (2007, p. 84):

[...] existem duas nações e dois fatores de produção (capital e trabalho); a tecnologia está disponível no mundo; a commodity x é mão-de-obra intensiva e a commodity y é capital intensivo em ambas as nações; ambas as commodities são produzidas sob retornos constantes de escala; existe especialização incompleta, na produção de ambas as nações; cada país compartilha padrões de preferências idênticos e homotéticos; existe concorrência perfeita em ambas as nações; há mobilidade perfeita dos fatores de produção em ambas as nações, contudo ausência de mobilidade internacional dos fatores; ausência de custos, tarifas e obstáculos ao comércio; todos os recursos são plenamente ocupados em ambas as nações; e o comércio internacional, entre ambas as nações, encontra-se em equilíbrio.

Apesar de ser objeto de algumas críticas, a exemplo da Teoria Clássica de Comércio Exterior, os pressupostos apresentados no modelo de Heckscher-Ohlin foram alavancadores de novos modelos de comércio internacional, como a teoria da Vantagem Comparativa Revelada (VCR) formulada por Bela Balassa (Fries, 2013; Maia, 2001).

2.1.3 Barreiras Comerciais

Os países se valem de diversos instrumentos de política comercial para restringir o comércio de bens em suas dependências como forma de protecionismo ao comércio do país, dentre eles subsídios, controles cambiais, cotas, licenças de importação e exportação, barreiras tarifárias e barreiras não tarifárias (Brito & Silva 2016). Em consonância, Rebono (2012) define barreira comercial como qualquer lei, regulamento, medida ou prática governamental que gera restrições ao comércio internacional, visando à proteção de suas mercadorias.

O autor ainda afirma que as barreiras podem ser divididas em dois grupos: barreiras tarifárias e não tarifárias. As barreiras tarifárias seriam representadas por alíquotas na importação, valoração aduaneira e cobrança de taxas diversas na importação. As barreiras não tarifárias são barreiras que podem impor exigências de segurança, proteção, especificações técnicas, sanitárias e fitossanitárias e de procedimentos alfandegários.

Dentre as barreiras mais aplicadas internacionalmente estão as Barreiras Sanitárias e Fitossanitárias [SPS] e as Barreiras Técnicas ao Comércio [TBT]. Segundo Brito e Silva (2016), os acordos SPS e TBT estão inseridos em um cenário de intensa preocupação e aumento na regulamentação no comércio de bens e serviços relacionados à saúde, segurança e ao meio ambiente.

No ano de 1994 negociou-se no âmbito da Organização Mundial do Comércio [OMC] o Acordo sobre Medidas Sanitárias e Fitossanitárias com a finalidade de proteger a saúde humana e animal e a sanidade vegetal valendo-se de normas, controles e procedimentos no comércio de produtos agrícolas garantindo assim, a proteção do território nacional contra doenças e pragas (Brasil, 2017b).

A existência de barreiras SPS e TBT remete à ideia de entraves no comércio entre os países, afetando principalmente o setor agropecuário. Entretanto, também podem ser benéficas agindo como facilitadoras do comércio entre os países (Alves *et al.*, 2014; Ferreira, Lirio & Mendonça, 2010).

O nível de proteção de um país está diretamente relacionado à categoria de produtos analisada. Bellonia e Silva (2007) concluem que as exportações brasileiras de carne possuem alta restrição em países mais desenvolvidos como União Europeia, Estados Unidos e Japão, estimulando a produção nacional e desestimulando as importações. Tal efeito é contrário para o setor fruticultor brasileiro, que apesar do crescente número de restrições SPS e TBT

apresentou um crescimento no volume exportado para o bloco europeu (Alves *et al.*, 2014; Ferreira, Lirio & Mendonça, 2010).

Dessa forma, é nítida a necessidade de um ponto de equilíbrio entre o direito à proteção e o crescimento da economia nacional e o de garantir saúde aos consumidores e produtores, de forma que essas medidas não se configurem como barreiras ao comércio (Brito & Silva, 2016).

2.2 O COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASILEIRO

A abertura econômica promovida pelo Brasil no final do século passado proporcionou à economia brasileira várias vantagens. Tal abertura atraiu mais investimentos externos ao país bem como o maior acesso tecnológico e de gestão de qualidade. Além de proporcionar a empresas de todos os setores inserção no mercado competitivo internacional, gerando um cenário que forçou a reestruturação voltada ao desenvolvimento e maior competitividade no mercado internacional (Oliveira & Oliveira, 2004).

Esse movimento estimulou o crescimento do comércio internacional brasileiro, em especial das exportações, porém, em um movimento pautado essencialmente em produtos não industriais e de baixa intensidade tecnológica, com destaque para as *commodities* agrícolas (Silva, Lima & Xavier, 2011). Como reflexo desse movimento observa-se o aumento no valor das exportações brasileiras que passou de 137 bilhões de dólares em 2006 para 185 bilhões de dólares em 2016 (Brasil, 2017a).

Na Figura 2 apresentam-se as exportações brasileiras (US\$ FOB) no ano de 2016 por destino. Dentre os dez maiores parceiros comerciais do Brasil nas exportações estão: China (19% das exportações brasileiras e 35,14 bilhões de dólares); Estados Unidos da América (12,5% das exportações brasileiras e 23,07 bilhões de dólares); Argentina (7,24% das exportações brasileiras e 13 bilhões de dólares); Holanda (5,57% das exportações brasileiras e 10,3 bilhões de dólares); Alemanha (2,62% das exportações brasileiras e 4,86 bilhões de dólares); Japão (2,49% das exportações brasileiras e 4,6 bilhões de dólares); Chile (2,2% das exportações brasileiras e 4,08 bilhões de dólares); México (2,06% das exportações brasileiras e 3,81 bilhões de dólares); Itália (1,79% das exportações brasileiras e 3,32 bilhões de dólares) e Bélgica (1,75% das exportações brasileiras e 3,23 bilhões de dólares).

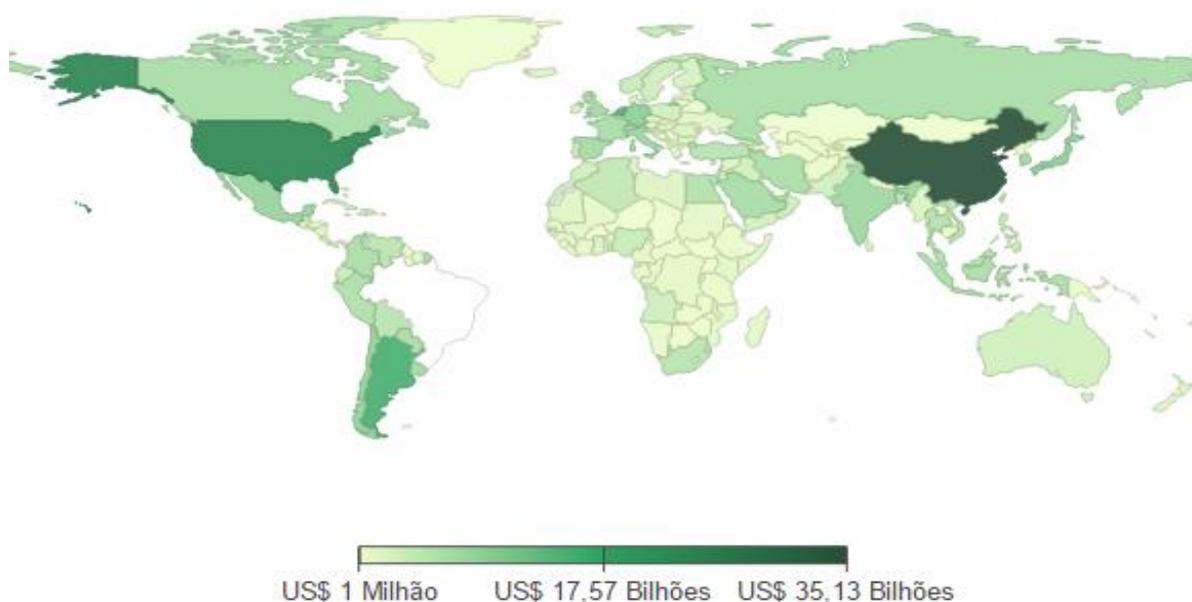


Figura 2. Distribuição das exportações brasileiras por país de destino em 2016

Fonte: Brasil (2017a)

O maior importador dos produtos brasileiros no ano de 2016, a China, também é um grande parceiro nas importações brasileiras, figurando como segundo maior fornecedor brasileiro com 17% do total importado pelo Brasil com um total que supera os 23 bilhões de dólares. Ao analisar o intercâmbio comercial entre Brasil e China nos últimos anos (Figura 3), observa-se que após 2013 houve uma queda no valor comercializado tanto nas importações quanto nas exportações, essa queda pode ser explicada pela redução do preço médio das exportações, na ordem de 42% e redução no volume importado, na ordem de 30% (Brasil, 2017a), além da crise política/econômica ocorrida no Brasil durante esse período.

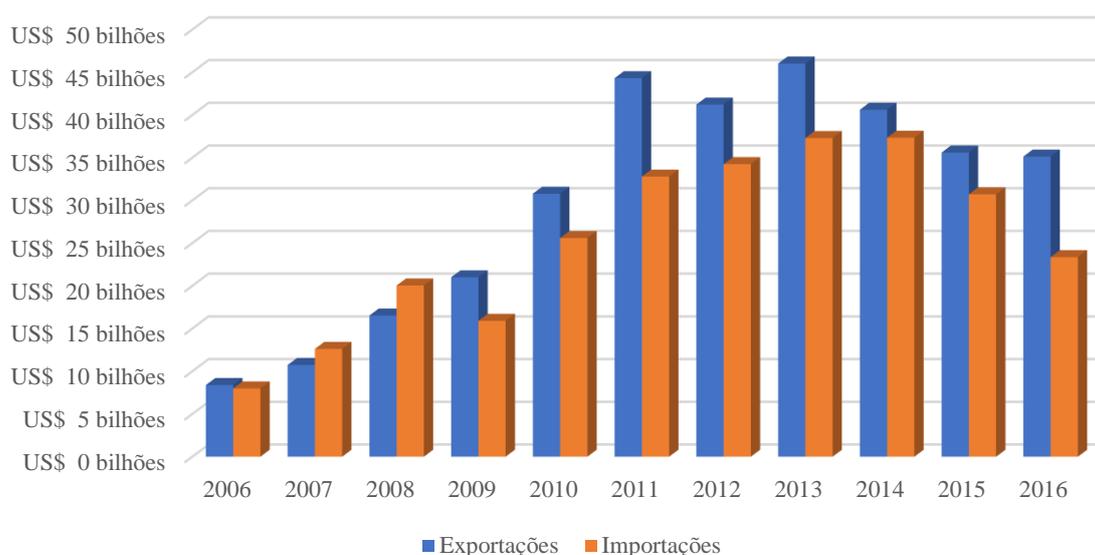


Figura 3. Intercâmbio comercial Brasil-China

Fonte: Brasil (2017a)

Ao observar as exportações brasileiras para a China por fator agregado (Figura 4), nota-se a predominância de produtos básicos, refletindo a realidade brasileira de baixa capacidade de industrialização, exportando *commodities* e importando produtos processados. Dentre os produtos mais exportados para a China estão soja, minérios de ferro, derivados de petróleo celulose e carne de aves e bovinos.

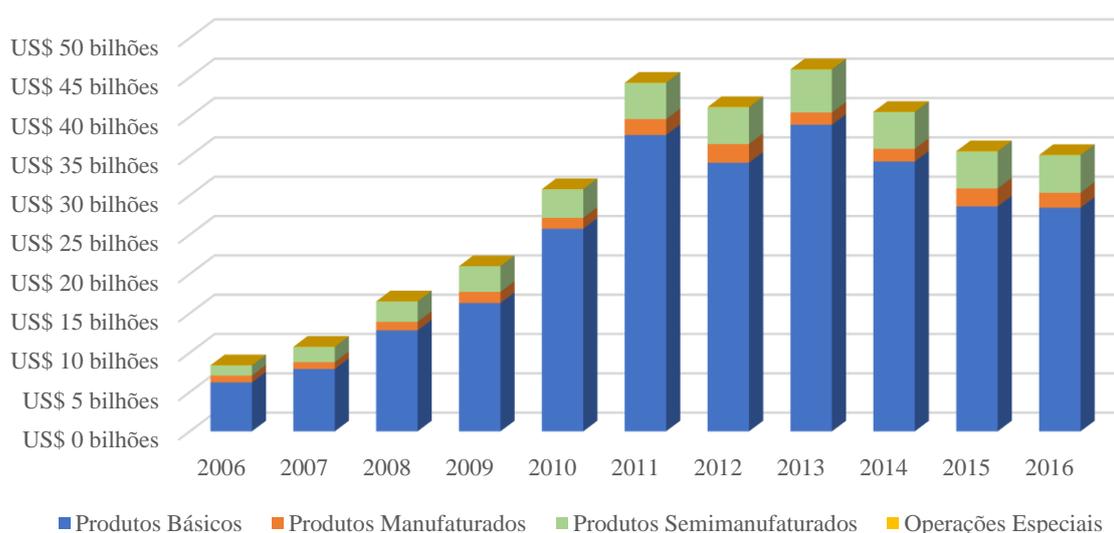


Figura 4. Exportações brasileiras para China por fator agregado

Fonte: Brasil (2017a)

A representatividade do Brasil nas exportações mundiais, a exemplo das exportações para a China, ganha maior nitidez ao se analisar o setor do agronegócio brasileiro, com Produto

Interno Bruto [PIB] de 1.477 bilhões de reais, acumulando alta de 4,48% em 2016 (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada [Cepea], 2017). No ano de 2016 o agronegócio brasileiro foi responsável por inserir na economia brasileira 84,9 bilhões de dólares oriundos das exportações do setor. Dentre os principais produtos exportados estão soja (30% do total das exportações brasileiras em 2016), carnes (17%), setor sucroalcooleiro (13%), produtos florestais (12%) e café (6%), conforme Figura 5.

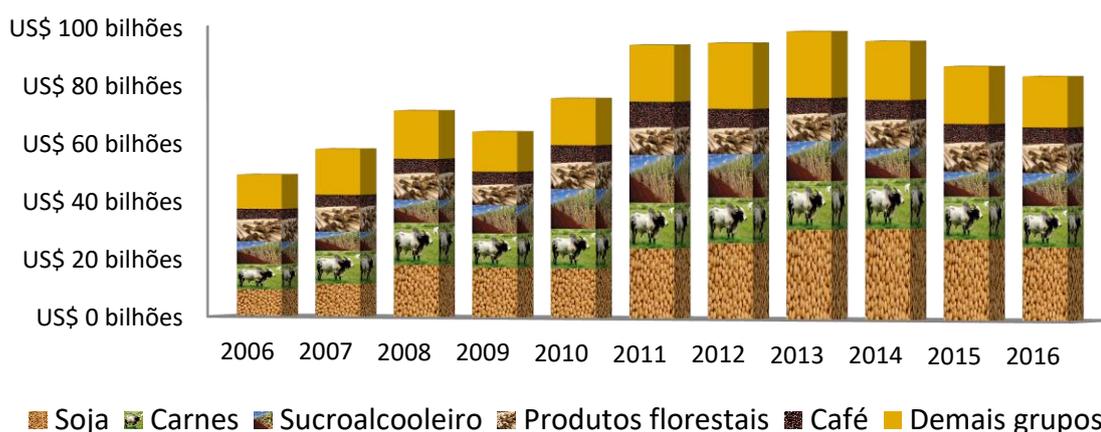


Figura 5. Exportações do agronegócio brasileiro

Fonte: Elaboração dos autores com dados do Mapa (2017)

Segundo dados do Mapa (2017), o agronegócio brasileiro em toda sua extensão fornece produtos para 190 países dos 5 continentes, sendo que mais da metade de todo volume exportado está concentrado em apenas 3 países e 1 bloco econômico: China movimentando aproximadamente 21 bilhões de dólares e 24,53% de todo volume exportado, União Europeia (US\$ 16,678 bi e 19,64%), Estados Unidos (US\$ 6,256 bi e 7,37%) e Japão (US\$ 2,439 bi e 2,87%).

No agronegócio brasileiro destacam-se as exportações de cereais e produtos de origem animal, em especial o setor avícola que em 2016, garantiu ao Brasil a segunda posição no *ranking* mundial de produtores e o posto de maior exportador mundial de carne de frango (Abpa, 2017).

Projeções para o consumo mundial de carne na próxima década indicam um acréscimo de 23% no total comercializado sendo que a carne de aves juntamente com a carne bovina, representa mais de 80% desse acréscimo (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [OECD], 2016). Frente a essa tendência, as empresas do setor avícola devem buscar aumento na competitividade para garantir sua sobrevivência e expansão de mercado,

que é uma função econômica atribuída ao sistema de transporte (Martins & Caixeta-Filho, 2015).

O Brasil é o maior exportador e o segundo maior produtor de aves do mundo. A produção brasileira de aves está concentrada principalmente nos estados da região sul do país (aproximadamente 64% da produção nacional), com destaque para a produção paranaense responsável por cerca de 33,5% da produção e 37% das exportações nacionais de aves (Abpa, 2017).

Ainda segundo dados da Abpa (2016), as exportações brasileiras de frango apresentaram um crescimento expressivo na última década, com aumento de 77% no volume exportado e crescimento de 163% no faturamento decorrente das exportações que, em 2016, foi de aproximadamente sete bilhões de dólares. Esse número indica um aumento no preço médio e a valorização da carne de frango no mercado mundial no período de 2005 a 2016, revelando um fortalecimento do setor que é composto por grandes grupos de indústrias e também por organizações cooperativas.

A valorização dos produtos do agronegócio brasileiro, decorrente de aspectos como melhoria na qualidade e produtividade e estratégias comerciais eficientes aderentes às novas condições mercadológicas revela os ganhos de competitividade que o setor adquiriu internacionalmente (Carvalho & Cunha Filho, 2015). Dessa forma, nota-se que a competitividade brasileira é fundamental para o sucesso das transações comerciais realizadas pelo país e por suas empresas.

2.3 COMPETITIVIDADE NO AGRONEGÓCIO COOPERATIVISTA

A competição está presente onde há disputa por algo que dois ou mais competidores desejam. Silva (2001) ressalta que a noção de competitividade é intrínseca à noção de concorrência, visto que a definição de concorrência é traduzida como competição ou disputa. No ambiente empresarial essa competitividade visa a obtenção de vantagens sobre os concorrentes, a fim de garantir para a organização sua participação no mercado. No ambiente internacional, Horta (1983) *apud* Coelho e Berger (2004) alertam que são competitivas as empresas que ampliam seu desempenho no comércio mundial.

A competitividade é considerada por vários autores como um dos principais pontos de discussão no ambiente empresarial brasileiro. No entanto, a preocupação das organizações com

as estratégias voltadas para a sustentabilidade das empresas em um ambiente competitivo é algo recente. Silva (2001) afirma que a proteção de mercado e os resultados financeiros contribuíram para que as estratégias focadas no negócio fossem tratadas em segundo plano por muitas indústrias brasileiras até a década de 1990.

O autor ainda ressalta, que no âmbito global, transformações ocorridas na economia brasileira geradas principalmente pela abertura de mercado e estabilidade monetária, acarretaram em estratégias empresariais voltadas para a longevidade das corporações. No cenário do agronegócio brasileiro, a gestão eficiente pautada na utilização de programas de gestão da qualidade e processos administrativos profissionalizados, aliados ao aumento de produtividade decorrente da utilização de novas tecnologias e da maior demanda internacional por produtos do setor agroindustrial, proporcionou às empresas brasileiras estratégias voltadas à competitividade (Carvalho & Cunha Filho, 2015; Santos *et al.*, 2015).

Corroborando essa ideia, Silva (2001) relata que os fatores internos relacionados à competitividade (inovação, processos decisórios, interação entre clientes, fornecedores e concorrentes), estão direta e proporcionalmente relacionados à maneira que as organizações enxergam o mercado no qual estão inseridas e, principalmente, o modelo de gestão dessas organizações. Tais fatores se tornam essenciais para que as organizações se mantenham alinhadas às suas metas e objetivos, garantindo a competitividade no mercado.

Ainda, na conjuntura econômica atual, onde a busca da competitividade é vista como uma necessidade vital para as organizações, é necessária uma postura atenta às mudanças de mercado e com uma gestão dinâmica que proporcione o envolvimento de funcionários e proprietários no desafio de se manter competitivo no mercado. Tal postura é fundamental, especialmente para as cooperativas, já que enfrentam os desafios do mercado globalizado sem deixar de lado os princípios cooperativistas.

Manter-se ativo no mercado globalizado e altamente competitivo pode parecer uma permanente contradição para as cooperativas, que precisam ser capazes de enfrentar multinacionais de grande porte que conquistam seus mercados, ao mesmo tempo em que devem atender às necessidades dos seus associados (Gimenes & Gimenes, 2007). Porém, é um desafio superado por essa categoria de empresas que demonstra sua força, pautada em uma administração profissionalizada e orientada para o mercado, capaz de gerar benefícios econômicos a seus cooperados (Höhler & Kühl, 2014).

O cooperativismo brasileiro assim como o mundial é pautado em princípios econômicos e sociais (Reisdorfer, 2014), cujo principal ideal é a realização dos objetivos sociais da

organização por meio de uma ação econômica concreta (Fairbairn, 1959), inserindo-se no fluxo real e atual de produção tanto de bens quanto de serviços (Begniss, Arend & Estivaleta, 2014).

A concorrência imposta pelo modelo político e comercial exercido entre os países combinado com a desregulamentação de mercados e a crise mundial nos últimos anos, conforme apontam Ritossa, Ferreira e Predebom (2010), se tornam um grande desafio para as cooperativas de todo o mundo, independentemente de seu porte ou setor de atuação. Tal concorrência exige que as cooperativas se estruturam de forma a exercer competitividade no mercado sem deixar de lado os valores e princípios cooperativistas. Apesar dessa concorrência, Sacchetti e Tortia (2016) destacam que as parcerias com outras empresas privadas podem proporcionar às cooperativas uma oportunidade de crescimento e consolidação.

2.4 O COOPERATIVISMO E O AGRONEGÓCIO PARANAENSE

Com o objetivo de exercer competitividade no mercado, sem deixar de atender os padrões de comércio internacional, as cooperativas investem cada vez mais em boa estrutura de produção agregada à disponibilidade tecnológica, custos de produção e distribuição compatíveis com os padrões internacionais além de uma estrutura de governança efetiva (Zylbersztajn, 1994; Benos *et al.*, 2016).

No Brasil, o cooperativismo surgiu no final do século XIX sendo que as primeiras cooperativas no meio rural surgiram em 1906, organizadas por agricultores imigrantes europeus no sul do país. O movimento cooperativista brasileiro ganhou reconhecimento mundial em meados da década de 90, momento em que um brasileiro foi eleito à presidência da Aliança Cooperativista Internacional [ACI], órgão internacional de representação das cooperativas (OCB, 2017a).

Desde o início do movimento cooperativista no Brasil até os dias atuais é notória a importância econômica das cooperativas para o setor agroindustrial nacional, além do papel social exercido pelas cooperativas que é destacado por Boone e Özcan (2014) como fonte de sustentação para pequenos produtores rurais. Tal papel social das cooperativas unido ao movimento de padronização internacional da cadeia produtiva pode garantir às cooperativas uma vantagem junto a seus clientes, ao gerar uma imagem positiva pautada em princípios éticos e sociais (Alexander & Nicholls, 2006).

Contudo, Zilber, Mora Júnior e Silva (2010) advertem para a necessidade de um controle sobre a comercialização e distribuição dos produtos no exterior para evitar restrições à competitividade da produção. Tal controle pode ser obtido por meio de vendas diretas ao exterior, ou ainda, pela utilização de Consórcios de Exportação em Cooperativas. Os Consórcios de Exportação proporcionam vantagens comerciais ao garantir maior poder para negociar preços e prazos, além do estabelecimento de uma marca consolidada, acesso a novas tecnologias e redução dos custos de exportação por meio de despesas compartilhadas (Alves *et al.*, 2017).

Outra estratégia utilizada por cooperativas para assegurar o aumento da competitividade e ganho de representatividade no comércio nacional e internacional é a união entre cooperativas, constituindo as cooperativas centrais. Gawlak (2007) destaca que o principal objetivo das cooperativas centrais é organizar em escala os serviços/produtos das filiadas. Isto sugere que as cooperativas possuem formas de atuar no comércio exterior que garantem a competitividade de seus produtos e a sustentação de seus cooperados e geração de emprego e renda em suas regiões de atuação.

2.5 ESTUDOS CORRELATOS SOBRE EXPORTAÇÕES DE COOPERATIVAS

Nessa subseção, são apresentados exemplos de pesquisas similares realizadas no Brasil, identificados por meio de um levantamento da produção acadêmica brasileira sobre exportações de cooperativas.

A coleta dos dados para este estudo aconteceu em três etapas distintas e consecutivas. Primeiramente foram selecionados os periódicos nacionais da área de Administração com classificação Qualis CAPES 2014 superior a B4. Após a definição dos periódicos, efetuou-se buscas no sítio de cada periódico, objetivando selecionar publicações que se relacionam concomitantemente a exportações e a cooperativas, para compor o *portfólio* bibliográfico desta pesquisa. Em seguida, após leitura e análise dos artigos do *portfólio* bibliográfico, levantou-se detalhes acerca da produção nacional relacionada às exportações de cooperativas.

O período das publicações selecionadas para o *portfólio* bibliográfico compreendeu 2006 a 2016, período em que as cooperativas passaram a representar maior volume nas exportações brasileiras, superando 2% do total exportado (Brasil, 2016). Após leitura e análise dos artigos, foi possível selecionar 31 obras para análise.

Para a análise das obras, um dos critérios utilizados foi o número de citações que cada artigo recebeu, para tanto, efetuou-se uma busca de cada um dos artigos no Google Acadêmico. O número de citações apontadas pelo Google Acadêmico foi analisado com as demais informações dos artigos.

Para a análise do vínculo institucional dos autores foram consideradas as informações dispostas no currículo resumido dos mesmos na respectiva publicação. No que se refere ao nível de formação, também foram consideradas as informações do currículo resumido de cada publicação, e, quando esse não continha a informação, efetuou-se buscas nos currículos *lattes* dos autores. Foram considerados os níveis de formação dos autores na data em que os artigos foram publicados.

Para a análise conceitual, cada artigo foi classificado de acordo com seu o tema central, considerando-se 5 temas centrais para a análise. O primeiro tema central é **volume de exportações**, contemplando trabalhos relacionados a fatores que contribuem para o aumento ou redução dos volumes exportados. O segundo tema contempla trabalhos que tratam de fatores que influenciam na **competitividade internacional** das cooperativas. A terceira temática central se refere a trabalhos com foco nos **canais de distribuição dos produtos** no mercado externo. A quarta temática contempla os artigos relacionados a **gestão de custos da cadeia produtiva** de cooperativas exportadoras. Por fim, o quinto grupo de artigos contempla trabalhos com **temáticas genéricas**.

Os 8 trabalhos relacionados ao grupo temático ‘volume de exportações’ possuem publicação recente, sendo 75% nos últimos 5 anos, indicando a preocupação acerca do tema. Outro ponto de destaque é a relevância das obras para a área considerando a quantidade de citações que os artigos possuem, com destaque para a obra de Kohlhepp (2010), que é a mais citada de todo *portfólio* bibliográfico selecionado, com aproximadamente 5 vezes mais citações que a segunda colocada nesse quesito.

Dessa forma, torna-se evidente a preocupação dos estudiosos com a *performance* exportadora do setor cooperativista agroindustrial brasileiro. Anholetto e Massuquetti (2014) destacam que o Brasil tem utilizado o agronegócio como estratégia de inserção na economia mundial, tendo como base as exportações de produtos agrícolas para o aumento da renda doméstica e da competitividade do país frente ao mercado internacional. O estudo de Gurgel *et al.* (2009) indica que a busca por acordos multilaterais deve ser a estratégia mais desejável para o conjunto do setor cooperativista agrícola. Os resultados desse estudo apontam que em alguns setores agroindustriais a existência de acordos comerciais pode resultar em aumento superior a 10% nas suas exportações.

Corroborando com os resultados de Gurgel *et al.* (2009), o estudo de Kohlhepp (2010) ressalta a importância de um acordo de redução das tarifas de importação para o etanol brasileiro. Um dos argumentos utilizados é o apelo ambiental do produto. Porém, este não é fator suficiente, o autor destaca que quando estiver em produção uma segunda geração de biocombustíveis socialmente mais corretos, a oportunidade do produto no mercado externo será maior.

Silva *et al.* (2011) em seu estudo sobre a cadeia produtiva de frango, indicam a existência de outros fatores, relacionados ao mercado interno, que podem influenciar no volume das exportações brasileiras como, investimento em qualidade, preço doméstico, renda interna e fatores sanitários. Porém, fatores externos também podem contribuir para a variação dos volumes exportados.

Fries, Conte e Coronel (2014) auferem que o efeito crescimento da demanda mundial para o fumo foi o que mais colaborou nas exportações do produto durante o período de 2001 a 2012. Tal aumento nas exportações garante também um aumento na produção, isso quando há espaço para expansão das áreas produtivas.

Fatores relacionados à economia externa também influenciam no volume das exportações brasileiras, nesse sentido, Vital *et al.* (2011) constataram, em seu estudo, redução significativa nas exportações de frutas das cooperativas do Vale do São Francisco após a crise econômica mundial de 2008, resultando em desemprego para a região. Já Galleli, Sutter e Mac Lennan (2015) tratam a questão sustentabilidade como diferencial para contornar as dificuldades encontradas frente um mercado desaquecido, assim como apontado por Kohlhepp (2010). Esse diferencial é tido como fator de aumento das exportações e da rentabilidade dos produtos.

Outros autores alertam que o aumento excessivo das exportações de determinados produtos nem sempre traz benefícios plenos à economia brasileira. À exemplo, o estudo de Favro, Caldarelli e Camara (2015) evidenciou elevação significativa nos custos da cadeia produtiva de carnes, principalmente de frango, após aumento nas exportações de milho, resultando em perda de ‘competitividade internacional’ da cadeia agroexportadora de carnes.

Ao realizar seu estudo, Zanella *et al.* (2016) apontam para uma evolução no estudo da competitividade na última década e ainda destacam a importância de não avaliar a competitividade de uma empresa de forma isolada, é necessário a ciência de que a empresa é parte de uma cadeia produtiva complexa. Dessa forma, ao avaliar a competitividade de uma empresa é necessário observar a cadeia produtiva em que ela está inserida.

Nota-se ainda na pesquisa de Zanella *et al.* (2016), que o fator cooperativismo é considerado fator positivo para a competitividade internacional. Porém, não é fator único e determinante, pois como atestam Barczsz e Lima Filho (2009), os produtos exportados por grande parte das agroindústrias brasileiras são de baixo valor agregado, por serem exportados sem transformação. Pigatto, Ribeiro e Negreti (2016) ressaltam que, apesar do baixo valor agregado, as exportações podem ser consideradas como fator competitivo. Outros autores como Barczsz e Lima Filho (2009), a respeito dos ‘canais de distribuição’, destacam que as *commodities* brasileiras exportadas são distribuídas principalmente em países da Europa, Ásia e Oriente Médio.

Em consonância, Souza e Amato Neto (2009) estudaram as transações realizadas entre exportadores brasileiros e importadores europeus e as alterações nos padrões de qualidade que esses mercados, cada vez mais exigentes, imprimem na cadeia produtiva brasileira. Muitas vezes as alterações não são simples, mas Moura *et al.* (2015) e Bandeira e Drouvot (2007) destacam que as alterações nos padrões do produto para atender o cliente é algo que não deve ser negligenciado.

Outro exemplo de alteração no modo de produção para atender à demanda de um cliente é explorado por Bandeira e Drouvot (2007), que em seu estudo caracterizam a produção orgânica de algodão colorido. Nesse caso, os exportadores auferem maior lucro ao atender essa demanda dos importadores por dispensar uma etapa do processo produtivo (tingimento do algodão).

A redução e controle de custos, ou ‘gestão de custos’, é outro fator imprescindível não só para uma agroindústria que deseja atuar no mercado externo, mas para todas as empresas independentemente do ramo de atuação. Carneiro, Bianchi e Gomes (2016) atribuem aos custos com logística e transporte, uma das principais dificuldades enfrentadas por empresas brasileiras que exportam ou pretendem exportar.

A estrutura logística de escoamento também é foco do estudo de Tondolo e Bitencourt (2006), que analisaram os impactos na percepção dos dirigentes de cooperativas singulares do estado do Rio Grande do Sul em fazer parte de uma cooperativa central que adquiriu um terminal portuário para escoamento da produção com destino à exportação. A pesquisa aponta que não há desvantagem relacionada pelos gestores das cooperativas singulares em fazer parte da central que detém posse do terminal portuário. Ademais, os autores elencam uma relação de vantagens em fazer parte da cooperativa central, e, dentre essas vantagens estão negociação, logística, tarifa reduzida e redução de riscos.

Os artigos de ‘temáticas genéricas’ reforçam a importância das cooperativas para a organização, distribuição e comercialização de produtos derivados do agronegócio. A Figura 6 revela os principais resultados da temática **Volume de Exportações**.

Autores (ano)	Título do estudo	Principais resultados
Favro, Caldarelli e Camara (2015)	Modelo de Análise da Oferta de Exportação de Milho Brasileira: 2001 a 2012	Estuda as relações das exportações de milho e produção de frango, constatou-se que, apesar deste mercado ainda não apresentar a Lei do Preço Único, mudanças no preço internacional do milho afetam o preço doméstico.
Silva, Rosado, Braga e Campos (2011)	Oferta de Exportação de Carne de Frango do Brasil, de 1992 a 2007	Os resultados mostram que o preço doméstico e a renda interna têm significativo impacto nas exportações de carne de frango brasileira, com reflexos negativos no volume embarcado, enquanto o preço externo apresenta impacto significativo e positivo na quantidade exportada.
Kohlhepp (2010)	Análise da situação da produção de etanol e biodiesel no Brasil	A produção de biocombustíveis no Brasil, a nível de comercialização internacional, pode ser bem-sucedida quando uma segunda geração dos biocombustíveis, mais corretos que o modelo de produção atual, estiver em execução no país.
Gurgel, Bialoskorski Neto, Braga e Ballieiro (2009)	Impactos dos acordos comerciais sobre as exportações de soja, café, aves e suínos das cooperativas agropecuárias brasileiras.	Acordos regionais de menor alcance impactam positivamente alguns setores específicos, como é o caso do Mercosul, que corrobora os aumentos nas exportações das cooperativas de soja e café.
Anholetto e Massuquetti (2014)	A Soja Brasileira e Gaúcha no Período 1994-2010: Uma Análise da Produção, Exportação, Renda e Emprego	Constatou um aumento nos volumes exportados dos principais produtos agrícolas brasileiros e no estado do Rio Grande do Sul. Também relacionou o aumento da produção com o aumento dos empregos do setor e da expansão da área plantada.
Fries, Conte e Coronel (2014)	Análise das exportações gaúchas de fumo (2001-2012)	Os resultados indicaram que o estado do Rio Grande do Sul apresentou ‘Vantagens Comparativas Reveladas’ para o fumo em todo o período analisado. No que tange a ‘Orientação Regional’, a exportação do fumo está orientada com maior intensidade para a União Europeia.
Galleli, Sutter e Mac Lennan (2015)	Perspectivas para a Sustentabilidade na Oferta de Moda Brasileira no Mercado Internacional	Verificou-se que a potencial vantagem competitiva do Brasil neste setor de moda, originada pela sustentabilidade como elemento de diferenciação, é insuficientemente explorada, mas, apresenta perspectivas para avanços.
Vital, Moller, Favero, Sampaio e Silva (2011)	A fruticultura de exportação do Vale do São Francisco e a crise econômica: efeitos sobre a convenção coletiva de trabalho 2009-2010	A crise deixou visível que o setor fruticultor brasileiro deve diversificar a produção e sair da exclusividade da uva e da manga. Além disso, é necessário pensar em alterar as condições de venda da produção nacional nos mercados externos, criando trades que possam interagir diretamente com as cadeias de distribuição, reduzindo a intermediação externa e melhorando as condições de venda e de remuneração das frutas exportadas.

Figura 6. Principais resultados da temática Volume de Exportações

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

As publicações selecionadas na temática ‘Volume de Exportações’ possuem publicação recente, a partir de 2009, o que sugere uma preocupação recente com a *performance*

exportadora das cooperativas agroindustriais. As exportações do setor agroindustrial, como ressaltam Anholetto e Massuquetti (2014), estão sendo utilizadas pelo Brasil como estratégia de inserção na economia mundial, bem como para o aumento da renda doméstica e da competitividade do país frente ao mercado internacional.

Dessa forma, se faz necessária a análise das publicações mostradas na Figura 7, acerca da temática **Competitividade Internacional**.

Autores (ano)	Título do estudo	Principais resultados
Zanella, Barichello, Rodrigues, Bagatini e Bergamaschi (2016)	Competitividade em cadeias produtivas: uma análise bibliométrica a partir dos periódicos capes	Os resultados revelam que as empresas existentes no estado do Mato Grosso do Sul são oriundas de outras regiões do país e do mundo e estão situadas nas duas primeiras etapas de internacionalização pré-envolvimento e envolvimento passivo, sendo que a maior parte dos produtos exportados possui baixo valor agregado.
Barczsz e Lima Filho (2009)	Agroindústria exportadora de frango de corte sul-mato-grossense e os aspectos de internacionalização	Compreendeu o grau de internacionalização das empresas agroexportadoras de frango de corte presentes em MS.
Pigatto, Ribeiro e Negreti (2016)	Inserção no mercado internacional: análise do comportamento das exportações das empresas alimentícias da região de Marília/SP	Constatou-se que ainda é pequena a quantidade de empresas que exportaram acima de US\$ 50 milhões, e que partir do ano de 2007 houve o decréscimo no número total de empresas exportadoras de alimentos localizadas na região de Marília-SP.

Figura 7. Principais resultados da temática Competitividade Internacional

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A relevância do tema competitividade no setor agroindustrial é notória e é avaliada como eficiência da cadeia, desde a produtividade, rendimento e eficácia frente ao concorrente até aspectos relacionados a preço e qualidade (Haugenauer, 1989).

Nesse cenário, o cooperativismo é elencado como fator positivo para a competitividade de produtores e de produtos do agronegócio brasileiro (Zanella *et al.*, 2016). Porém, não é fator único e determinante, pois os produtos exportados por grande parte das agroindústrias brasileiras são de baixo valor agregado, fato decorrente do baixo índice de transformação dos produtos antes de sua exportação, ou seja, em grande parte os produtos exportados pelo setor agroindustrial brasileiro são *commodities* (Barczsz & Lima Filho, 2009).

A fim de obter melhores resultados na comercialização das *commodities*, os exportadores se valem de estratégias que consistem principalmente em distribuir seus produtos nos mercados mais rentáveis e fieis. A Figura 8, revela os principais resultados dos estudos relacionados à temática **Canais de Distribuição**.

Autores (ano)	Título do estudo	Principais resultados
Souza e Amato Neto (2009)	As transações entre supermercados europeus e produtores brasileiros de frutas frescas	Identifica os principais elementos envolvidos nas transações entre o segmento varejista e seu fornecedor de produtos frescos (por vezes cooperativas brasileiras) e mostra o comportamento de dois mercados que acabam por se comportar de maneira bastante distinta, como são os casos do mercado inglês e do alemão.
Pedrosa Filho e Favero (2007)	Exportação de Flores Tropicais no Estado de Pernambuco: Análise da Inserção dos Canais de Distribuição	Verificou-se que em todos os canais o aspecto colaborativo entre os agentes envolvidos é de extrema importância para a obtenção de uma maior competitividade, em razão dos ganhos de escala e maior eficiência no atendimento aos importadores.
Bandeira e Drouvot (2007)	Ethics as an International Value-Adding Strategy of Colored Cotton in Brazil	O sucesso na produção de algodão colorido ainda não obteve diferencial no momento da comercialização, uma sugestão para contornar essa adversidade é a certificação sustentável para o produto para que obtenha maior valor no mercado interno e externo.
Moura, Alberton, Marinho e Platchek (2015)	A Internacionalização da Marca Aliança: Ações Graduais no Mercado Externo	Busca compreender como se dá o processo de internacionalização da marca na linha de sucos de uva da cooperativa Aliança, bem como verificação dos principais desafios encontrados para a consolidação do preço de exportação e a identificação das principais exigências documentais e verificar a estratégia de internacionalização para a ampliação da internacionalização para a ampliação da marca no mercado internacional.

Figura 8. Principais resultados da temática Canais de Distribuição

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Em seu estudo Moura *et al.* (2015) ressaltam a importância de conhecer o processo de exportação de um produto e os custos envolvidos com embalagem, documentação e da necessidade de um canal de negociação confiável. Os autores também conferem importância no estudo do destino da mercadoria, visto que cada canal de distribuição possui padrões de qualidade, embalagem e documentação específicos.

Os importadores estão, cada vez mais, imprimindo na cadeia produtiva brasileira padrões mais exigentes que, por vezes, são difíceis de serem cumpridos, mas que não podem ser negligenciados (Souza & Amato Neto, 2009; Moura *et al.*, 2015; Bandeira & Drouvot, 2007). As cooperativas brasileiras saem na frente nessa corrida para adequação dos processos e *know how* no mercado.

Padrões de qualidade cada vez mais elevados e adaptações realizadas em toda cadeia produtiva para atender as exigências do mercado, acabam onerando o processo produtivo. Assim, a redução e controle de custos é outro fator imprescindível não só para uma cooperativa que deseja atuar no mercado externo, mas para todas as empresas, seja qual for seu ramo de atuação.

Por esta razão os estudos mostrados na Figura 9 foram analisados e revelam os principais resultados da temática **Gestão de Custos**.

Autores (ano)	Título do estudo	Principais resultados
Kussano e Batalha (2012)	Custos logísticos agroindustriais: avaliação do escoamento da soja em grão do Mato Grosso para o mercado externo	Ao contrário do que aponta a maior parte da literatura disponível os autores identificaram que nem sempre o escoamento utilizando a intermodalidade é o mais vantajoso. Ainda identificaram a importância de se considerar outros custos além do custo de transporte, pois o transporte mais barato nem sempre resulta em um custo logístico total mais baixo.
Lima (2012)	Rotas Internas de Produtos de Exportação: o caso da soja	É possível concluir que entre 1996 e 2009 ocorreu um aumento considerável das distâncias percorridas entre as zonas produtoras e os pontos de escoamento, impondo custos elevados não apenas aos produtores, mas também ao Estado e à sociedade.
Tondolo e Bitencourt (2006)	A Importância de um Complexo Portuário para o Agronegócio Cooperativo no Estado do Rio Grande do Sul	Os autores evidenciaram o estabelecimento de alianças estratégicas entre as cooperativas, o compartilhamento de recursos, a busca da internacionalização e o controle compartilhado de empresas de capital são consequências da união entre as cooperativas afim de garantir maior competitividade para o grupo.
Hillcoat (2009)	A Economia Argentina e a Agricultura de Exportação 2002-2009: Jogos de Interesses e Conflitos	O aumento das exportações agrícolas da Argentina somado a melhora dos termos de troca contribuíram para o saneamento das finanças públicas e para a formação de um excedente comercial substancial para o país, resultando em uma melhoria sensível da balança corrente.

Figura 9. Principais resultados da temática Gestão de Custos

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Os artigos contemplados nessa temática estão em sua totalidade relacionados a questões logísticas, o que aponta a preocupação dos estudiosos com a influência da estrutura logística no custo de produção e exportação de uma cadeia produtiva. Nesse sentido, Carneiro, Bianchi e Gomes (2016) elencam os custos com logística e transporte como uma das principais dificuldades enfrentadas por empresas brasileiras que exportam ou pretendem exportar, além das dificuldades com infraestrutura para escoamento da produção brasileira

Em um cenário onde o transporte rodoviário não suporta mais escoar todo o volume de produção destinado à exportação, o transporte ferroviário se mostra como opção para o escoamento dessas cargas, porém o baixo investimento ao longo dos anos nesse modal de transporte conferiu ao Brasil linhas férreas defasadas e de baixa capacidade operacional. (Confederação Nacional do Transporte, 2016). Sem muitas alternativas de transporte, os custos logísticos se tornam um dos principais vilões para os exportadores brasileiros.

Os artigos que não foram relacionados nos temas centrais tratados anteriormente são de temáticas diversas. A Figura 10, mostra os principais resultados de temáticas diversas.

Autores (ano)	Título do estudo	Principais resultados
Pereira e Carvalho (2008)	Cooperação e localidade: uma análise no contexto do agronegócio de flores	Aponta para a existência de influência do fator étnico no nível de cooperação entre produtores de flores, bem como as cooperativas como fator de sucesso para a produção de flores na região estudada.
Paiva e Morabito (2013)	Otimização do planejamento hierárquico da produção em usinas cooperadas do setor sucroenergético	Evidencia a importância das cooperativas na organização, distribuição e comercialização dos produtos do setor sucroenergético.
Paiva e Morabito (2014)	Planejamento hierárquico da produção em usinas de açúcar e álcool: modelagem de otimização robusta	Apresenta um modelo de otimização que permite analisar o efeito de incertezas existentes nos parâmetros de preço dos produtos de cooperativas produtoras de açúcar e álcool.
Machinski, Faria, Moreira e Ferraresi (2016)	Agricultural insurance mechanisms through mutualism: the case of an agricultural cooperative	Aponta o sistema de mutualismo utilizado por uma cooperativa agroindustrial do Paraná como forma de seguro, porém esse sistema assim como o sistema convencional de seguro não é eficiente para catástrofes ambientais.
Wachholz e Poyer (2014)	A importância das cooperativas cafeicultoras para os pequenos agricultores na exportação de café na região sul de Minas Gerais	Demonstra uma visão geral dos benefícios proporcionados pelas cooperativas aos pequenos produtores de café da região sul de Minas Gerais, e ressalta o fato de que as cooperativas cafeicultoras são essenciais para o desenvolvimento dos pequenos produtores de café da região sul de Minas Gerais.
Souza e Braga (2007)	Diversificação concêntrica na cooperativa agropecuária: um estudo de caso da COMIGO	Aponta a diversificação de atividades como fator considerável para proporcionar aos associados oportunidades de aumento de renda.
Zanella e Leite (2016)	A Inovação na Cadeia Produtiva de Aves: Um Estudo de Caso em uma Agroindústria do Estado de Santa Catarina	Estuda as motivações das inovações em uma cooperativa agroindustrial de Santa Catarina e constata que as inovações são impulsionadas pela necessidade dos clientes. Conclui que as inovações se resumem na compra de equipamentos modernos resultando em economia para a empresa.
Sousa, Amorim e Coronel (2012)	Taxa de câmbio e preços de exportação da carne de frango em Santa Catarina	Busca uma relação entre a taxa de câmbio e o preço de exportação da carne de frango no mercado internacional. Essa relação é evidenciada em análise de longos períodos.
Moreira, Barreiros e Protil (2011)	<i>Portfolio</i> de produção agropecuária e gestão de riscos de mercado nas cooperativas do agronegócio paranaense	Mostra que a variação nos preços da matéria-prima para produção da cooperativa e diminuição da demanda por seus produtos, também foram consideradas como muito importantes, refletindo a importância atribuída à variação de preços e dos níveis de demanda como fontes de riscos.
Stal, Sereia e Silva (2010)	Estratégias de Internacionalização do Setor Agroindustrial Brasileiro de Carnes: Exportação ou Investimento Direto no Exterior?	Aborda a estratégia de internacionalização de quatro dos maiores produtores de carne brasileiros. As restrições comerciais impostas ao Brasil em alguns países, levou empresas a adquirirem outras empresas no exterior, dessa forma traçaram uma estratégia de internacionalização facilitando as operações de exportação e importação.
Mendonça (2013)	Políticas agrícolas e patronato agroindustrial no Brasil (1909-1945)	Salienta a importância de políticas públicas de incentivo à produção agrícola.
Begnis, Arend e Estivalet (2014)	Em Frente ao Espelho: a produção do conhecimento em cooperativas na Revista de Economia e Sociologia Rural	Os resultados do trabalho apontam para uma baixa produção nessa área, compreendendo, na maioria parte, questões relacionadas ao desempenho econômico das cooperativas e seus cooperados e indicando também uma preferência dos autores pelas abordagens dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) e da Nova Economia Institucional (NEI).

Figura 10. Principais resultados das temáticas diversas

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Com relação às temáticas centrais identificadas neste estudo, percebe-se o forte relacionamento com fatores operacionais, porém com pouca exploração de fatores estratégicos

e mercadológicos como níveis de internacionalização, de experiência internacional ou de tempo de atuação no mercado internacional e de oportunidades de expansão dos negócios em países com potencial consumo.

Considerações importantes foram possíveis, aclarando o vasto campo de exploração em relação à atuação das cooperativas no mercado internacional, apesar do baixo índice de produção científica nessa área temática. Os estudos que possuem como foco principal as cooperativas, não o fazem de forma detalhada e explorando o viés da competitividade, geralmente os estudos com foco exclusivo nas cooperativas exploram os fatores socioeconômicos do cooperativismo.

Estudos relacionados ao agronegócio reconhecem a importância e representatividade do cooperativismo para o setor, e atribuem o sucesso da atuação das cooperativas no comércio internacional à gestão profissionalizada que acompanha as melhores práticas de mercado. Ademais, é nítido o reconhecimento ao esforço adicional realizado pelas cooperativas ao praticarem uma gestão orientada para o mercado, sem deixar de lado os princípios cooperativistas.

A influência exercida pelas cooperativas no mercado é muito similar às grandes corporações. Este fato está relacionado à constituição estratégica das cooperativas, que muitas vezes se unem em cooperativas centrais e adquirem uma dimensão de grande escala, proporcionando competitividade setorial.

Os estudos ressaltam a representatividade e competitividade de unidades federativas brasileiras no comércio internacional de alguns produtos, destacando a participação das cooperativas nesses números. A partir disso, torna-se necessário entender a representatividade e competitividade dessa categoria específica de empresas nas principais exportações brasileiras.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos como, o delineamento da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e os métodos e índices para análise dos dados. Dessa forma, descreve-se as etapas percorridas para o atingimento dos objetivos propostos para a dissertação.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracterizou como ‘descritiva longitudinal’. A pesquisa descritiva objetiva descrever características ou funções de mercado e os estudos longitudinais oferecem fotografias das mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Para Malhotra (2011) esse tipo de pesquisa é realizado em dois ou mais períodos, com a mesma amostra.

Também se enquadrou como pesquisa ‘exploratória’, cujo objetivo é explorar um problema com a finalidade de obter sua compreensão. A pesquisa exploratória geralmente é conduzida em uma amostra pequena e não representativa e é responsável por prover maior clareza sobre o problema pesquisado (Malhotra, 2011).

Dessa forma, esta pesquisa teve caráter descritivo, visto que descreve as características de um grupo de exportadores, por meio de relatórios de instituições e órgãos de apoio, com o objetivo de analisar o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves desse grupo de exportadores. Também, teve caráter exploratório, pois buscou explorar o problema nas cooperativas agropecuárias exportadoras de aves do Paraná.

Quanto ao método de investigação, utilizou-se a abordagem qualitativa, pois proporciona melhor visão e compreensão do cenário do problema e pode fornecer percepções antes ou depois dos fatos. No que tange ao comércio internacional, a pesquisa qualitativa pode revelar diferenças entre os mercados nacional e internacional. Utilizou-se também a abordagem quantitativa, pois procura quantificar os dados (Malhotra, 2011).

Quanto aos procedimentos, a pesquisa caracteriza-se como ‘bibliográfica e documental’. Bibliográfica, pois é baseada no levantamento e análise de variados materiais bibliográficos como artigos, dissertações, teses e livros para fundamentar o tema de pesquisa. Documental, pois são utilizados relatórios e dados de órgãos e entidades de apoio.

3.2 UNIVERSO

Quanto à amostra, abordou-se de forma censitária, visto que foi analisado o desempenho das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses. De acordo com a Ocepar (2017), no Paraná existem 69 cooperativas agropecuárias, destas, sete atuam no comércio internacional no ramo de avicultura (OCB, 2017b). Na Figura 11, apresentam-se as cooperativas paranaenses exportadoras de aves.

Cooperativa	Município sede	Fundação	Tempo de existência (anos)	Início das exportações
COPACOL	Cafelândia	23/10/1963	53,6	1982
C. VALE	Palotina	07/11/1963	53,6	1997
LAR	Matelândia	19/03/1964	53,2	1999
COASUL	São João	21/06/1969	48,0	2009
COPAGRIL	Marechal Cândido Rondon	09/08/1970	46,8	2005
COOPAVEL	Cascavel	15/12/1970	46,5	1996
UNITÁ	Ubiratã	20/10/2011	5,6	2013

Figura 11. Cooperativas paranaenses exportadoras de aves

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A Cooperativa Unitá é uma cooperativa central, formada pelas cooperativas Copacol, Coagru e Coperflora. Toda produção da cooperativa central Unitá é realizada por meio da marca Copacol, dessa forma, para as análises foram consideradas somente **seis** cooperativas exportadoras de aves: C. Vale, Coasul, Coopavel, Copacol, Copagril e Lar.

Para a realização das análises do modelo Constant Market Share (CMS) e dos Índices de Esforço exportador (IEE), Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), Orientação Regional (IOR), Cobertura (IC) e Frequência (IF), foram considerados os principais destinos da carne de frango brasileira: China, União Europeia e África do Sul.

O período de análise está compreendido entre os anos de 2006 e 2016. Para o atendimento aos critérios do modelo CMS, foi necessária a divisão desse período em subperíodos, a qual realizou-se de acordo com os acontecimentos que mais geraram impacto ao setor do agronegócio exportador:

- a) **Primeiro período: 2006 a 2009.** Compreende o período da crise mundial de 2008 e 2009, que afetou de forma expressiva as principais economias mundiais como Estados Unidos da América e países da União Europeia. Nesse período, os países menos

desenvolvidos como o Brasil, sofreram os impactos da crise em uma intensidade menor;

- b) **Segundo período: 2010 a 2013.** Compreende o período de recuperação mundial e início do declínio da economia brasileira;
- c) **Terceiro período: 2014 a 2016.** Compreende o agravamento da crise econômica e recessão brasileira, decorrentes da crise política que teve seu auge em 2016, com o andamento do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rouseff.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Para facilitar o entendimento do procedimento de coleta de dados para atender a cada objetivo específico, elaborou-se a Figura 12.

Objetivos da pesquisa	Procedimentos
Caracterizar o mercado mundial de carne de aves e o destino das exportações deste produto.	Organização e análise de dados secundários e utilização do Índice de Orientação Regional de Yeats (1997).
Analisar a evolução, tendência e participação das cooperativas paranaenses no comércio mundial de aves.	Utilização do método Constant Market Share e Índice de Esforço Exportador.
Verificar a existência de vantagem comparativa revelada nas exportações das cooperativas paranaenses.	Utilização do Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Balassa (1965).
Mensurar o volume das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses está comprometida por barreiras comerciais.	Utilização dos Índices de Cobertura e de Frequência.

Figura 12. Procedimento de análise de dados

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

A coleta dos dados foi realizada junto ao Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior [AliceWeb], Secretária de Comércio Exterior [Secex], *United Nations Commodity Trade Statistics Data base* [UnComtrade] e Organização Mundial do Comércio [OMC].

Foram efetuadas buscas com base nos códigos da Nomenclatura Comum do Sul [NCM] e Sistema Harmonizado com 06 dígitos [SH06] relacionados na Figura 13.

NCM - SH06	Descrição
020711	Carnes de galos e galinhas da espécie doméstica, não cortadas em pedaços, frescas ou refrigeradas
020712	Carnes de galos e galinhas da espécie doméstica não cortadas em pedaços, congeladas
020713	Pedaços e miudezas comestíveis, de galos e galinhas da espécie doméstica, frescos ou refrigerados
020714	Pedaços e miudezas comestíveis de galos e galinhas da espécie doméstica, congelados

Figura 13. Classificação de carne aves por código NCM

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

3.4 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

Os dados da pesquisa foram analisados por técnicas diversas, como: Método Constant Market Share – CMS; Índice de Esforço Exportador – IEE; Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR; Índice de Orientação Regional; Índice de cobertura e frequência.

3.4.1 Método *Constant Market Share* – CMS

O *Constant Market Share* (CMS) é definido por Richardson (1971) como um método simplificado para analisar a evolução das exportações de um país ou região. Porém, nem sempre as exportações deste país acompanham a média de crescimento mundial. Leamer e Stern (1970) inferem que isso pode ocorrer pelas exportações concentrarem-se em produtos que apresentam um crescimento de demanda relativamente lento, ocasionado pelo direcionamento das exportações para regiões estagnadas ou pela falta de competitividade do país frente aos demais fornecedores internacionais e que pode ser decomposto em fatores estruturais e em fatores de competitividade.

O modelo possui como pressuposto básico a não alteração da parcela de participação de um país ou região no mercado mundial de determinado produto, ou seja, a participação deste país no mercado mundial deve permanecer constante (Leamer & Stern, 1970). A alteração na parcela de participação dos países está vinculada a competitividade e aos preços (Leamer & Stern, 1970; Reis, 2008).

Leamer e Stern (1970) aclaram que a taxa de crescimento das exportações pode ser decomposta em três efeitos: o crescimento do comércio mundial que representa a taxa percentual de crescimento considerando que as exportações do país cresceram à mesma taxa do comércio internacional (1), o destino das exportações que representa a variação no percentual de crescimento ocasionada pela heterogeneidade nas taxas de crescimento dos mercados importadores (2) e competitividade, que representa percentagem de crescimento dos ganhos ou das perdas de participação do produto nos diferentes mercados, decorrente da oscilação na competitividade (3). O efeito da competitividade é tido como resíduo.

$$(1) \sum_{j=1}^n (rE_j)$$

$$(2) \sum_{j=1}^n r_j E_j - \sum_{j=1}^n r E_j$$

$$(3) \sum_{j=1}^n E'_j - \sum_{j=1}^n E_j - \sum_{j=1}^n r_j E_j$$

Dessa forma, o modelo do *Constant Market Share* é definido pela equação (4):

$$(4) \sum_{j=1}^n (E'_j - E_j) = \sum_{j=1}^n (rE_j) + \sum_{j=1}^n (r_j - r)E_j + \sum_{j=1}^n (E'_j - E_j - r_j E_j)$$

Onde:

E_j = valor das exportações do produto analisado para o mercado j, no período 1;

E'_j = valor das exportações do produto analisado para o mercado j, no período 2;

$E'_j - E_j$ = crescimento efetivo do valor das exportações do produto analisado para o mercado j;

r = percentual de crescimento nos valores das exportações mundiais do produto analisado do período 1 para o período 2;

r_j = percentual de crescimento nos valores das exportações mundiais para o mercado j do período 1 para o período 2;

n = número de mercados.

O modelo CMS é muito utilizado por sua funcionalidade capaz de proporcionar a organizações públicas e privadas subsídios para tomada de decisões relacionadas às estratégias de políticas comerciais. Isso se deve ao fato do modelo proporcionar uma visualização das perspectivas do mercado importador analisado (Carvalho, 1995; Fries, 2013).

O modelo CMS vem sendo utilizado em vários estudos nacionais no contexto do agronegócio, dentre eles destacam-se os trabalhos de Figueiredo, Santos e Lírio (2004), Reis (2008), Coronel, Machado e Carvalho (2009), Dorneles e Caldarelli (2013), Fries (2013) e Silva *et al.* (2016). Internacionalmente o modelo CMS também vem sendo utilizado no decorrer dos anos à exemplo os trabalhos de Juswanto e Mulyanti (2003), Ahmadi-Esfahani (2006), Fogarasi (2008), Amador e Cabral (2008) e Fligenspan *et al.* (2015).

3.4.2 Índice de Esforço Exportador – IEE

O Índice de Esforço Exportador (IEE) tem como finalidade mensurar a porcentagem do produto nacional que é dedicada ao mercado internacional (Herrero, 2001). Silva, Lima e Xavier (2011) complementam que o índice tenta captar ‘quanto’ o país produz para o mercado externo.

O índice pode ser expresso da seguinte forma:

$$(5) IEE_{kt} = \frac{X_{kt}}{PIB_{kt}}$$

Onde:

IEE_{kt} = Índice de Esforço Exportador da região k, no período t;

X_{kt} = exportações da região k, no período t;

PIB_{kt} = Produto Interno Bruto da região k, no período t;

O Índice de Esforço Exportador apresenta resultado que varia de 0 a 1, sendo que quanto maior o índice, maior é o esforço exportador, e consequentemente, maior a participação das exportações de determinado produto na geração de renda de uma região (Silva *et al.*, 2016).

O IEE é abordado em estudos como os de Silva, Lima e Xavier (2011) e Silva *et al.* (2016). Neste trabalho foi efetuado o cálculo do IEE do Paraná e do Brasil, possibilitado assim um comparativo entre a *performance* paranaense de exportação de carne de aves e a *performance* brasileira.

3.4.3 Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) foi proposto por Balassa (1965) e desenvolvido com base na Lei das Vantagens Comparativas de David Ricardo (1817). Este índice sugere que a vantagem comparativa revelada está diretamente relacionada à *performance* individual do país para um determinado produto e ao valor das exportações daquele produto (Balassa, 1965).

Além disso, o IVCR considera única e exclusivamente as exportações no cálculo da posição competitiva de determinado setor de um país, sem qualquer influência ou referência aos fluxos de importações (Holland & Xavier, 2005). A razão da não utilização das importações

por Balassa, segundo Farias (2000), é o fato das políticas públicas protecionistas restringirem as importações criando um viés aos dados.

O IVCR de uma determinada região é calculado pela equação 6:

$$(6) \text{IVCR}_i = \frac{\left(\frac{X_{Ai}}{X_A}\right)}{\left(\frac{X_{wi}}{X_w}\right)}$$

Onde:

IVCR_i = Índice de Vantagem Comparativa Revelada para o produto i .

X_{Ai} = valor das exportações da região A para o produto i ;

X_A = valor total das exportações da região A ;

X_{wi} = valor das exportações mundiais para o produto i ;

X_w = valor total das exportações mundiais.

Ao efetuar o cálculo do IVCR, se o valor encontrado for maior que 1 (um), pode-se concluir que o país em análise possui vantagem comparativa revelada, devendo então se especializar no produto em questão, por apresentar mais eficiência na produção deste produto frente aos demais países. Caso o cálculo do IVCR apresente resultado inferior a 1 (um), indica desvantagem comparativa (Fries, Conte & Coronel, 2014).

Estes autores advertem que o IVCR, apesar de apresentar a existência de vantagem comparativa revelada de determinado produto, é um método incapaz de apontar a existência de orientação regional de um produto para algum destino, ou seja, o cálculo do ICVR não indica se as exportações de determinado produto estão orientadas para uma região ou país específico. Para identificar essa orientação regional pode-se utilizar o Índice de Orientação Regional – IOR.

O IVCR é abordado em estudos nacionais e internacionais como os de Figueiredo e Santos (2005), Barca (2012), Fries (2013), Fries, Conte e Coronel (2014), Lang (2015) e Laursen (2015).

3.4.4 Índice de Orientação Regional - IOR

O Índice de Orientação Regional (IOR) tem como principal objetivo identificar a existência de orientação das exportações de determinado produto de um país ou região (Yeats, 1997). O autor faz algumas considerações importantes acerca desse índice, a, começar pelo fornecimento de padrões limitados a um período de tempo específico, esse índice também é

influenciado por vários fatores como vantagem comparativa, barreiras comerciais e custos de transporte.

Waquil *et al.* (2004) destacam que comparações do IOR ao longo do tempo podem ser muito úteis na análise das transformações nos padrões geográficos dos fluxos das exportações. O IOR proposto por Yeats (1997) é calculado pela equação 7:

$$(7) IOR_i = \frac{\left(\frac{X_{ri}}{X_{tr}}\right)}{\left(\frac{X_{oi}}{X_{to}}\right)}$$

Onde:

IOR_i = Índice de Orientação Regional para o produto i .

X_{ri} = valor das exportações do produto i intrabloco;

X_{tr} = valor total das exportações intrabloco;

X_{oi} = valor das exportações do produto i extrabloco;

X_{to} = valor total das exportações extrabloco.

O IOR apresenta um resultado que varia de zero ao infinito, sendo que o valor igual a 1,0 indica tendência de exportação tanto intrabloco quanto extrabloco. Valores crescentes do IOR ao longo do tempo, indicam tendência de exportação intrabloco, ou seja, para a região em análise.

O IOR proposto por Yeats (1997) é também abordado nos estudos de Waquil *et al.* (2004), Fries (2013) e Lopes *et al.* (2013).

3.4.5 Índice de Cobertura – IC e Índice de Frequência - IF

Os Índices de Cobertura e Frequência (IC e IF) são utilizados para determinar qual o percentual das exportações de um país ou região que está sujeito a barreiras e a porcentagem que está livre de qualquer barreira (Viegas, 2003).

O Índice de Cobertura e Frequência, também descrito por Ferreira, Lírio e Mendonça (2010) como razão de cobertura de comércio, indica a porcentagem do comércio sobre o qual incidem barreiras não tarifárias, a equação (8) indica essa relação:

$$(8) IC_{ij} = \left[\frac{\sum_{i=1}^m (M_{jm} * N_{jm})}{\sum_{i=1}^m M_{jm}} \right] * 100$$

Onde:

IC_{ij} = Índice de Cobertura para o grupo de produtos i do país de destino j .

M_{jm} = Valor das importações do país j dos produtos m , pertencentes ao grupo de produtos i ;

N_{jm} = Variável binária dependente da incidência de barreiras não tarifárias;

A variável binária N_{jm} assume valor 0, se não houver incidência de barreiras não tarifárias sobre o produto m e valor 1 se houver incidência.

De acordo com Laird (1996) *apud* Fries (2013) quanto mais restritiva for uma barreira, menor é o termo M_{jm} e, conseqüentemente, menor é o peso atribuído a esta medida no cálculo do Índice de Cobertura. Dessa forma, caso existir uma barreira tão restritiva que impeça as importações do item i do país j , o valor M_{jm} será 0 comprometendo a proporção de cobertura de comércio.

O Índice de Frequência, por sua vez, representa o percentual do fluxo de mercadorias de um determinado grupo que estão sujeitas a barreiras não tarifárias em um determinado país. A equação (9) representa esse índice:

$$(9) IF_{ij} = \left[\frac{\sum_{i=1}^m (L_{jm} * N_{jm})}{\sum_{i=1}^m L_{jm}} \right] * 100$$

Onde:

IF_{ij} = Índice de Frequência das barreiras que incidem sobre o grupo i , composto de m linhas tarifárias impostas pelo país j .

L_{jm} = variável binária que assume valor 0 se o produto m não é exportado pelas cooperativas paranaenses e valor 1 se o produto m é exportado pelas cooperativas paranaenses;

N_{jm} = Variável binária que assume valor 0 se não houver incidência de barreiras não tarifárias sobre o produto m e valor 1 se houver incidência.

Viegas (2003) ressalta que o Índice de Frequência atribui peso igual a todas as barreiras impostas por um país importador. Dessa forma, nos casos de restrição total de uma mercadoria, é atribuído valor 1 um para L_{jm} desde que exista um potencial efetivo de exportação do produto evitando o comprometimento sofrido pela proporção de cobertura de comércio em caso de restrição total imposta a um grupo i .

Os Índices de Cobertura e de Frequência estabelecem uma relação diretamente proporcional à restrição ao comércio. Apesar de não fornecerem conclusões acerca dos impactos econômicos das barreiras comerciais sobre os preços, volumes de produção e volumes de comércio (Fries, 2013). A autora ainda ressalta, diante essas implicações, a importância da estimação dos dois coeficientes de forma conjunta a fim de efetuar uma melhor análise sobre a

incidência de barreiras. Tal análise pode ser simplificada com auxílio da Figura 14, que estabelece uma relação entre os Índices de Cobertura e de Frequência.

	Relação entre IC e IF	IF baixo	IF alto
IC baixo	Linhas tarifárias	Poucas	Muitas
	Valor da exportação	Baixo	Baixo
	Irrelevância dos produtos na pauta ou impedimento à exportação	Sim	Sim
	Grau de proteção	Baixo	Médio
IC alto	Linhas tarifárias	Poucas	Muitas
	Valor da exportação	Alto	Alto
	Irrelevância dos produtos na pauta ou impedimento à exportação	Não	Não
	Grau de proteção	Médio	Alto

Figura 14. Relação entre Índice de Frequência e Índice de Cobertura

Fonte: Adaptado de Laird (1996, como citado em Fries, 2013).

Os IC e IF são abordados em publicações acerca de barreiras ao comércio como as de Viegas (2003), Bellonia e Silva (2007), Brito Ferreira, Lírio e Mendonça (2010), Fries (2013), Alves *et al.* (2014) e Silva *et al.* (2016).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo analisa e discute as exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses por meio do Método *Constant Market Share* – CMS; Índice de Esforço Exportador – IEE; Índice de Vantagem Comparativa Revelada – IVCR; Índice de Orientação Regional; Índice de cobertura e frequência.

4.1 ANÁLISE DO CONSTANT MARKET SHARE (CMS)

Esta seção apresenta os principais resultados acerca da análise do *Constant Market Share*, que possibilitou a análise da participação das cooperativas paranaenses no fluxo do comércio mundial de carne de aves. Também possibilitou uma análise isolada das fontes de crescimento de acordo com os efeitos que as originaram.

4.1.1 *Market Share* das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses

Os resultados apresentados na Tabela 1 demonstram que houve um crescimento expressivo (48%) no comércio mundial de carne de aves do P I (2006 a 2009) para o P II (2010 a 2013), crescimento esse seguido também pelo Brasil (49%), Paraná (48%) e cooperativas paranaenses (63%).

Já na comparação do P II com P III, nota-se uma retração de 25% no comércio mundial de carne de aves, essa retração é observada também no Brasil com índices superiores aos mundiais (28%) e no Paraná (12%), porém a *performance* das cooperativas paranaenses chama a atenção por contrariar essa tendência de baixa, apresentando um aumento de 4% nos valores exportados. Tais resultados revelam indícios da solidez de mercado que o sistema cooperativo paranaense apresenta para o produto carne de aves.

Também é possível observar que o Brasil apresenta um *Market Share* superior a 25% nos três períodos analisados (P I, P II e P III), com uma leve queda no último período em relação aos períodos anteriores. Já o Paraná e as cooperativas paranaenses mantiveram acréscimo no *Market Share* de um período para outro.

Tabela 1:

Valor médio (em milhões US\$) das exportações de carne de aves e participação (%) do Brasil, Paraná e cooperativas paranaenses nas exportações mundiais de carne de aves

	P I - 2006 a 2009	P II - 2010 a 2013	P III - 2014 a 2016
Exportações Mundiais	68.867,749	101.924,064	76.274,713
Exportações Brasileiras	18.353,494	27.344,015	19.557,057
Exportações Paranaenses	4.846,928	7.190,795	6.341,672
Exportações Coop. Paranaenses	1.160,635	1.887,689	1.967,609
Market Share Brasil	26,65%	26,83%	25,64%
Market Share Paraná	7,04%	7,06%	8,31%
Market Share Cooperativas Paranaenses	1,69%	1,85%	2,58%

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados da Alice Web (2017) e *UnComtrade* (2017).

Os dez maiores destinos das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses no período de 2006 a 2016 são Japão (24%), China (19%), Hong Kong (10%), Arábia Saudita (8%), África do Sul (5%), Emirados Árabes Unidos (5%), Holanda (4%), Rússia (3%), Alemanha (2%) e Venezuela (2%). Ao comparar os maiores destinos de carne de aves das cooperativas paranaenses com os maiores parceiros comerciais do Brasil é possível verificar que coincidem em sua maioria com os maiores importadores de carne de frango do Paraná e do Brasil (Brasil, 2017a).

As exportações das cooperativas paranaenses estão concentradas em poucos destinos, visto que mais de 80% do volume exportado tem como destino apenas dez países, como pode ser observado na Figura 15, que ilustra o volume exportado para os dez maiores destinos da carne de aves das cooperativas paranaenses por período de análise do CMS.

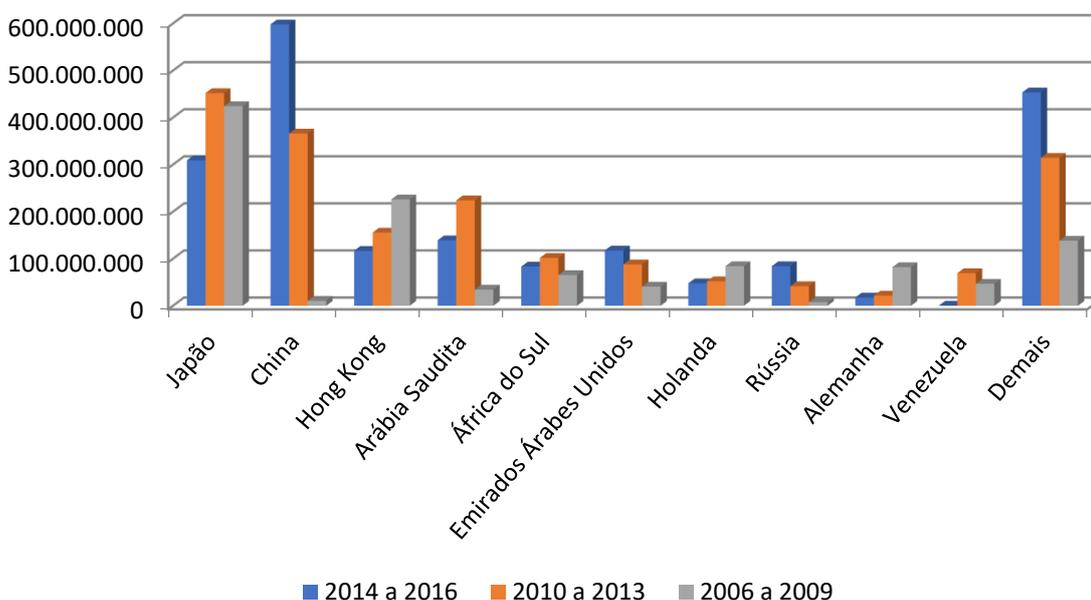


Figura 15. Exportação de carne de aves das cooperativas paranaenses (em US\$) por país de destino

Fonte: Elaboração dos autores com dados do Alice Web (2017).

Nota. A tabela completa com todos os destinos e valores das exportações encontra-se no apêndice A.

Os dois principais destinos são Japão e China e, conforme mostra a Figura 15, o Japão apresenta a maior soma acumulada nos três períodos analisados, enquanto a China desponta com grande volume nos dois últimos períodos. Esse fato se deve à abertura do mercado Chinês para a carne brasileira no ano de 2009, pois até então a proteína de aves do Brasil não podia ser exportada diretamente para China (Gomes, 2009). A representatividade da China como parceiro comercial do Brasil não é exclusividade do setor de carne de aves e nem algo tão recente, pois como aponta Fries (2013) a China se apresenta como um dos principais consumidores de carnes, fumo e soja brasileiros dentre outros produtos.

4.1.2 Fontes de crescimento das exportações das cooperativas paranaenses no período de 2006 a 2016

Com base nos resultados obtidos pelo modelo *Constant Market Share*, foi possível realizar a análise dos efeitos **crescimento do comércio mundial, destino das exportações e competitividade** nos períodos I, II e III. Os resultados estão dispostos na Tabela 2.

Tabela 2:

Fontes de crescimento das exportações de aves das cooperativas paranaenses, no período de 2006 a 2016

Efeito	Período II - Período I	Período III - Período II
Crescimento do comércio mundial	1.216,726	-1.184,891
Destino das exportações	1.137,714	517,523
Competitividade	-180,842	-2,695
Varição das exportações	63%	4%

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados do Alice Web (2017) e Uncomtrade (2017).

Ao analisar a variação do volume exportado no período I para o período II, nota-se um crescimento acentuado (63%). Os mercados analisados nesse estudo têm grande responsabilidade nesse acréscimo, sendo que as exportações para a China representaram 33% do total de aumento das exportações das cooperativas paranaenses e as exportações para o oriente médio representaram 39% desse acréscimo, indicando a importância desses dois mercados para as cooperativas.

Quanto às exportações do período II para o período III, nota-se uma variação menos expressiva que a anterior (4%). Dentre os mercados analisados nesse estudo, o único que apresentou crescimento foi a China, com um crescimento (77%) muito superior à taxa de crescimento das exportações de aves das cooperativas paranaenses (4%).

Ao analisar o comércio internacional brasileiro, a China é o maior parceiro comercial do país, com 19% do total exportado pelo Brasil no ano de 2016. Ao analisar a evolução da China como parceiro comercial brasileiro nos últimos anos, verificou-se que houve um crescimento de 318% nas exportações de produtos brasileiros para a China e 192% nas importações de produtos chineses no Brasil, demonstrando assim a importância e a representatividade que a China possui para o comércio internacional do Brasil (Brasil, 2017a).

Observa-se na Tabela 2 que os efeitos **crescimento do comércio mundial** - que corrobora os resultados de Fries (2013) - e **destino das exportações** contribuíram de forma positiva para o crescimento das exportações de aves das cooperativas paranaenses, do período I para o período II. A principal motivação para o crescimento do comércio brasileiro está relacionada ao crescimento rápido da China e da demanda crescente do país por *commodities* brasileiras (Maranhão & Vieira Filho, 2017).

A competitividade teve efeito negativo nesse período, relacionada à queda nos preços dos produtos exportados por conta da crise mundial que forçou a retração da renda mundial (Silva *et al.*, 2016). Porém, para os períodos II e III, período pós crise, o efeito competitividade ainda se manteve negativo, revelando a necessidade de melhorar as políticas de incentivo à competitividade setorial (Maranhão & Vieira Filho, 2017).

Acordos de flexibilização para mercados que o Brasil já possui relação comercial podem ajudar nesse processo, visto que, muitas vezes existe a abertura comercial, mas por questões de padrões técnicos estabelecidos para a entrada de determinados produtos, as empresas brasileiras não conseguem realizar suas exportações para esses mercados.

Já ao analisar os efeitos no período II para o período III, nota-se que o efeito que mais contribuiu foi o **destino das exportações**. Esse efeito revela que os principais destinos das exportações brasileiras fortaleceram o comércio com o Brasil, tendo como ator principal a China (Fries, 2013; Maranhão & Vieira Filho, 2017).

4.2 ANÁLISE DO ÍNDICE DE ESFORÇO EXPORTADOR (IEE)

Nesta seção, são apresentados, discutidos e analisados os principais resultados evidenciados na pesquisa acerca do dinamismo das exportações e sua participação nos municípios paranaenses, domicílios fiscais das cooperativas exportadoras de carne de aves e também dos estados da região Sul do Brasil, ou seja, os resultados do Índice de Esforço Exportador. De acordo com a Figura 16, verificou-se que o Índice de Esforço Exportador do Paraná é o segundo maior da região Sul durante todo o período analisado, exceto em 2012, ano que o estado apresentou o maior IEE da região. O IEE do Paraná é superior ao IEE do Brasil em todos os anos do período analisado, demonstrando a representatividade das exportações para a economia do estado.

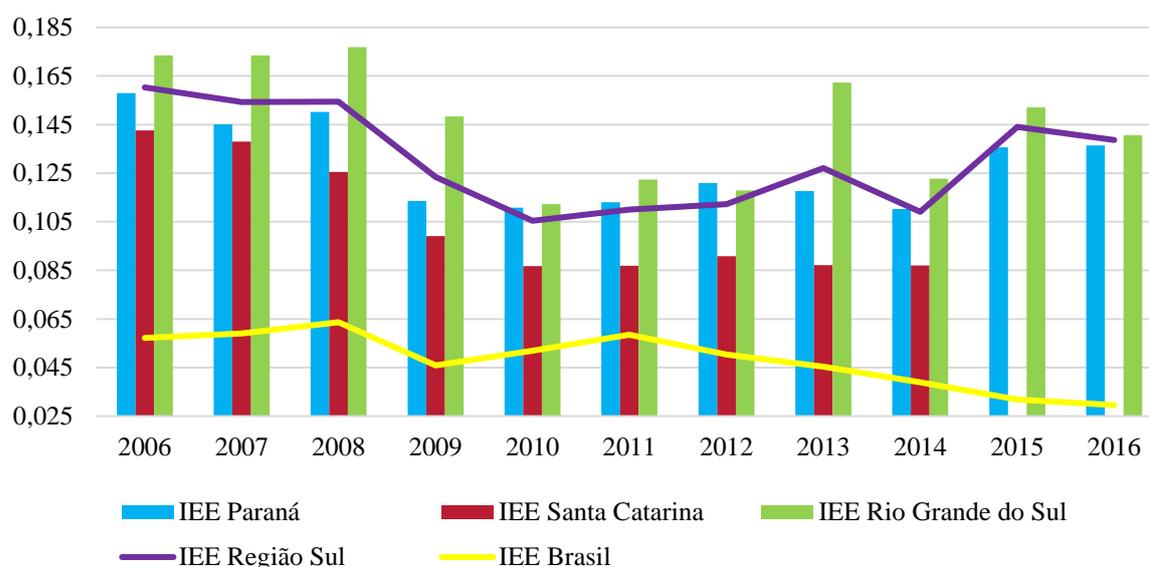


Figura 16. Índice de Esforço Exportador do Brasil, região Sul e seus estados

Fonte: Elaboração dos autores com dados da FEE (2017), IPARDES (2017), MDIC (2017) e IBGE (2017).

Nota. Os dados de 2015 e 2016 não estão disponíveis para o estado de Santa Catarina. O IEE de 2015 e 2016 para a região Sul exclui os dados de Santa Catarina.

Silva *et al.* (2016), ao abordarem as exportações de carne, em seu estudo sobre as exportações do Rio Grande do Sul, relatam também a queda no IEE após 2008 e a relacionam à crise mundial com ápice no período. Essa queda no IEE não afetou somente as exportações de carne de aves, mas todo o setor de carnes, o que ressalta a sensibilidade do setor a fatores econômicos externos.

As seis cooperativas paranaenses exportadoras de carne de aves possuem domicílio fiscal das unidades industriais de aves em seis diferentes municípios: Cafelândia, Cascavel,

Matelândia, Palotina, Marechal Cândido Rondon e São João. Dessa forma, a Figura 17 ilustra o IEE desses municípios, demonstrando a importância que a atividade exportadora representa a estes.

Destaca-se o IEE dos municípios de Matelândia, Cafelândia e Palotina que possuem os maiores IEE dentre os municípios analisados, apresentando também IEE muito acima dos índices do estado.

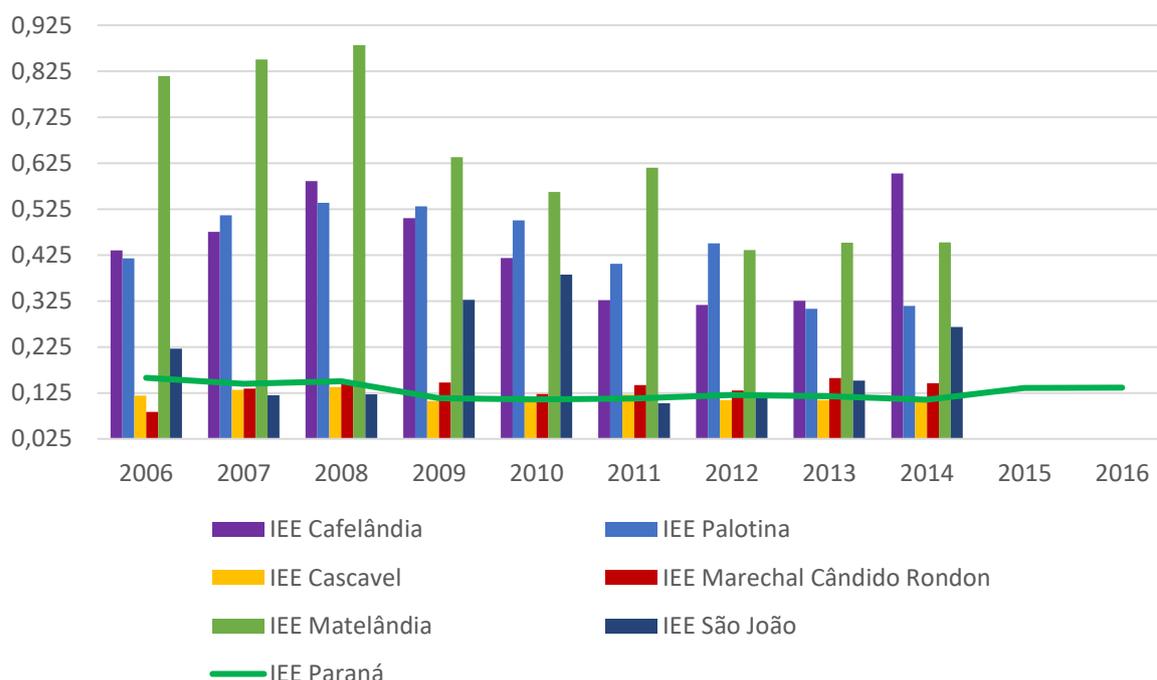


Figura 17. Índice de Esforço Exportador dos municípios de domicílio fiscal das Cooperativas Paranaenses exportadoras de carne de aves

Fonte: Elaboração dos autores com dados de IPARDES (2017), MDIC (2017) e IBGE (2017).

Nota. Os dados de 2015 e 2016 não estão disponíveis para os municípios analisados.

Cafelândia e Palotina são dois municípios com elevado IEE revezando entre segunda e terceira posição em volume de exportação dentre os seis municípios analisados, conforme mostrado na Figura 18. Cascavel apesar de ser o município com maior volume de exportação analisados, fato este, explicado pela geração de renda no município de Cascavel não ser tão dependente das exportações de carne de aves quanto em municípios menores.

Nota-se que as exportações do município de São João começaram a apresentar expressividade a partir de 2009, ano em que a empresa exportadora de aves do município iniciou as atividades avícolas, indicando a representatividade dessa atividade para as exportações no município (Coasul, 2017).

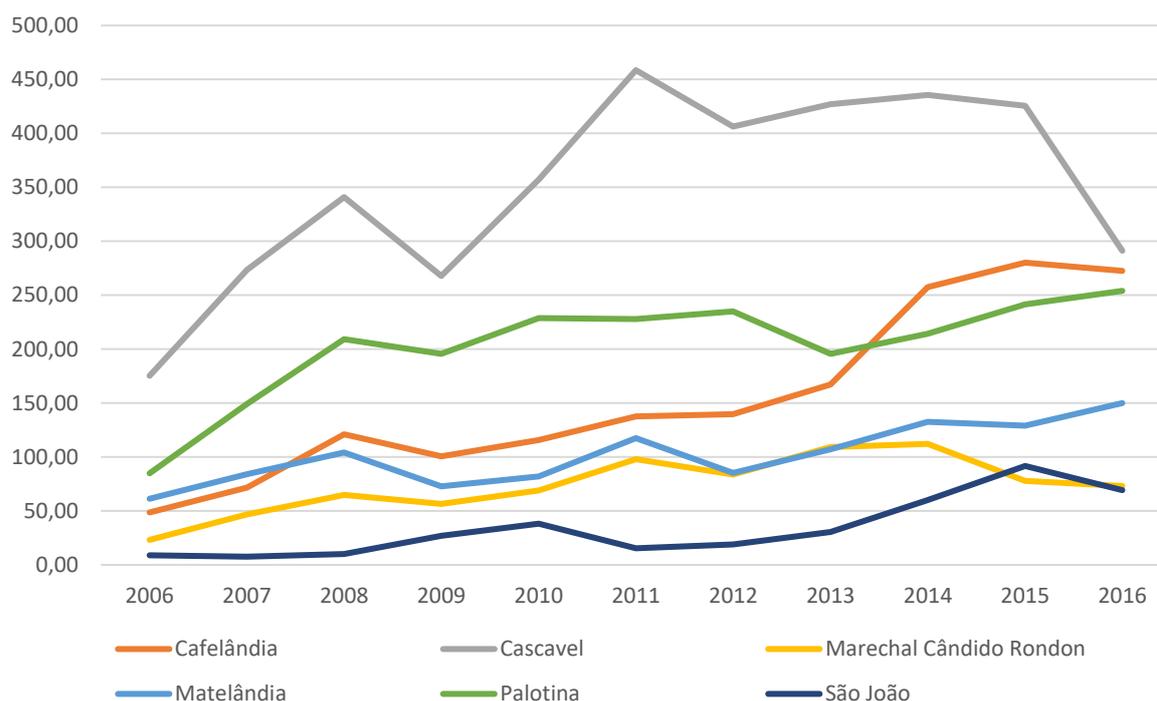


Figura 18. Exportação dos municípios de domicílio fiscal das Cooperativas Paranaenses exportadoras de carne de aves em milhões de dólares FOB

Fonte: Elaboração dos autores com dados de MDIC (2017).

O dinamismo e a representatividade das exportações de carne de aves para os municípios de domicílio fiscal das cooperativas paranaenses exportadoras dessa proteína animal é latente, o que revela certo nível de dependência desses municípios às exportações. Contudo, para uma maior visibilidade da atuação das cooperativas paranaenses no mercado de carne de aves, é necessário analisar também a competitividade exercida pelas cooperativas no mercado mundial e, para tanto, será analisado o índice de vantagens comparativas reveladas (IVCR).

4.3 ANÁLISE DO ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS (IVCR)

A análise do índice de vantagens comparativas reveladas (IVCR), conforme a concepção de (Balassa, 1965) revela a competitividade exercida por um produto de determinada região ou país. Fries, Conte e Coronel (2014) alertam que ao efetuar o cálculo do IVCR, se o valor encontrado for maior que uma unidade, existe vantagem comparativa revelada. Nesta seção são apresentados os principais resultados acerca do IVCR das cooperativas paranaenses exportadoras de carne de aves e também é realizada uma comparação com os principais concorrentes para este produto.

Dessa forma, como pode ser observado na Tabela 3, as cooperativas paranaenses apresentam elevada vantagem competitiva para o produto cortes de frango, pois o IVCR calculado é muito superior a uma unidade. Também é possível observar que o Brasil possui alta vantagem competitiva para esse produto, porém inferior à vantagem competitiva das cooperativas paranaenses.

Tabela 3:

Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016)

Anos	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
IVCR Brasil	21,66	26,69	29,88	31,79	28,99	27,82	28,17	29,26	30,80	32,82	32,84
IVCR Coop. Paranaenses	450,82	356,35	333,58	318,81	379,07	431,70	391,25	380,80	409,59	467,53	472,48

Nota. Elaboração dos autores com dados de UmContrade (2017) e AliceWeb (2017).

Nota-se uma relação contrária entre o IVCR das cooperativas paranaenses e o IVC do Brasil de 2006 a 2013. Durante esse período o IVCR apresentou algumas oscilações importantes, conforme explicam Santos e Freitas (2017), devido a dificuldades periódicas no complexo soja-milho-aves como intempéries ou fatores externos à produção.

No ano de 2014 a relação entre o IVCR das cooperativas paranaenses e do Brasil foi seguiu a mesma tendência (acrécimo ou decréscimo). Essa característica pode ser explicada pela habilitação de uma nova planta de abate de aves de uma cooperativa paranaense na lista de exportadores brasileiros no ano de 2014 (Unitá, 2017) acrescida à representatividade que as exportações de aves das cooperativas paranaenses possuem nas exportações brasileiras do produto.

Nota-se um aumento significativo no IVCR Brasil de 2006 para 2016 (50%) bem como no IVCR das cooperativas paranaenses, o que pode ser explicado pelo aumento de produtividade decorrente dos aperfeiçoamentos tecnológicos em todo o complexo de produção (Santos & Freitas, 2017).

Com relação ao IVCR dos estados da região sul do Brasil para o produto cortes de aves, também se percebe altas taxas, conforme mostra a Figura 19. Santa Catarina é o estado que apresenta maior IVCR em todo o período analisado, apesar de apresentar números absolutos das exportações gerais e de carne de aves inferior ao do Paraná. Esse fato é relacionado à representatividade que o produto ‘carne de aves’ tem nas exportações totais de Santa Catarina (17%), superior à do Paraná (13%) e do Rio Grande do Sul (6%) (Brasil, 2017b).

A exemplo dos demais estados do sul do país, Paraná figura entre os principais exportadores do país e se apresenta como uma das principais economias brasileiras, fato relacionado também às estratégias comerciais utilizadas pelos exportadores. Nos últimos anos o perfil dos principais mercados consumidores dos produtos do estado sofreu alterações, com o fortalecimento do Comércio com a China em detrimento ao enfraquecimento do comércio com os Estados Unidos da América, gerando maior competitividade para o estado no mercado internacional (Massuqueti *et al.*, 2016).

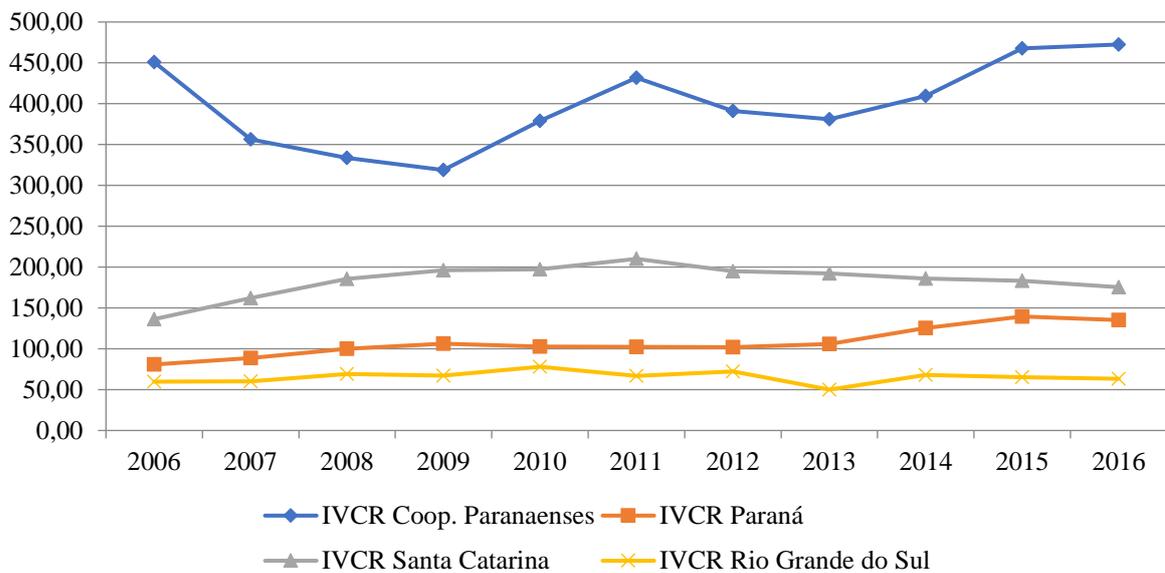


Figura 19. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016) dos estados da região sul do Brasil

Fonte: Elaboração dos autores com dados do UmContrade (2017) e AliceWeb (2017).

Apesar de Santa Catarina se destacar entre os três estados da região sul, o IVCR das cooperativas paranaenses se revela muito superior, porém com um comportamento de oscilação maior que o dos estados analisados. Isso revela o forte potencial competitivo das cooperativas paranaenses do setor em estudo, a exemplo do desempenho do Brasil, que pode ser melhor evidenciado ao analisar a Figura 20.

Também é importante analisar o posicionamento dos principais mercados consumidores estudados neste trabalho (China, União europeia e África do Sul). Na Figura 20 pode-se notar que dentre esses mercados, apenas a União Europeia apresenta vantagem comparativa revelada, China e África do Sul apresentaram o IVCR inferior a uma unidade durante todo o período analisado.

Dentre os principais exportadores de carne de aves do mundo estão os Estados Unidos e a Tailândia, que vem despontando no mercado internacional nos últimos anos (Abpa, 2017). Os

Estamos Unidos apresentam o IVCR sempre acima de 2, com o maior pico no ano de 2009 (3,58) e a Tailândia, até 2013 apresentava desvantagem comparativa revelada para o produto em estudo, porém no ano de 2013, o IVCR apresentou-se maior que uma unidade representando a vantagem comparativa que o país apresenta, comprovando a competitividade do país no mercado de carne de aves (Tecnoaves, 2017).

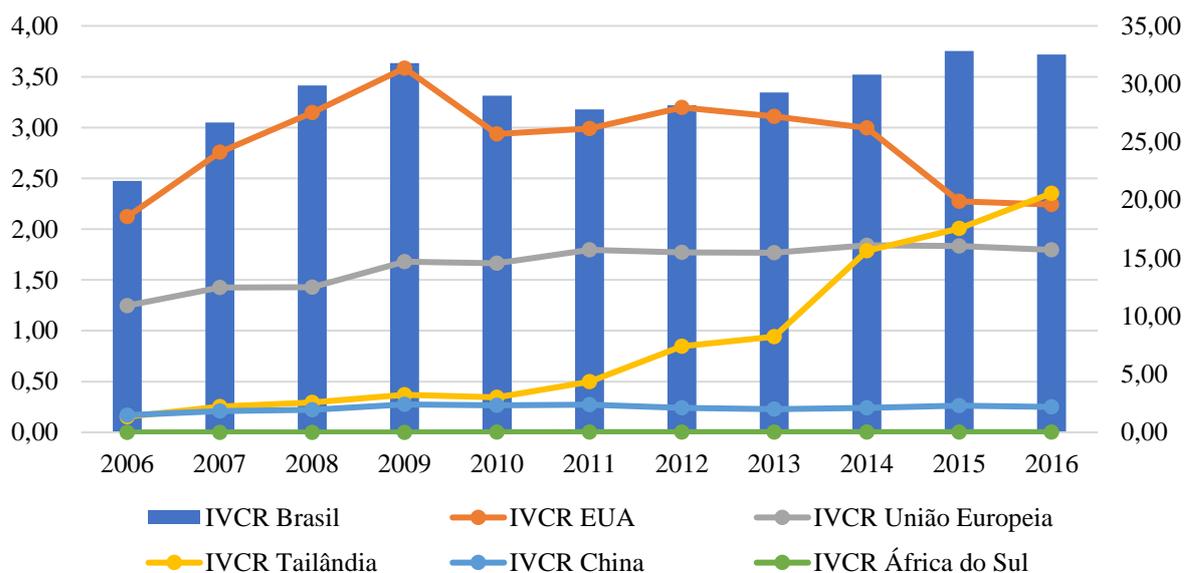


Figura 20. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) dos cortes de frango (2006-2016) dos principais produtores e consumidores mundiais do produto (escala secundária para o IVCR Brasil)

Fonte: Elaboração dos autores com dados do UmContrade (2017) e AliceWeb (2017).

Teodoro (2017) destaca que a competitividade das cooperativas paranaenses nos mercados nacional e internacional está relacionada a um conjunto de fatores como: estrutura organizacional, disponibilidade tecnológica, fatores climáticos e áreas que favorecem o cultivo agropecuário. Por meio da análise do IVCR, foi possível comprovar a competitividade exercida pelas cooperativas paranaenses no mercado internacional, afirmando a importância dessas organizações para o crescimento do agronegócio paranaense e brasileiro. Contudo, o IVCR não indica o direcionamento das exportações de carne de aves, tornando-se necessário a análise do Índice de Orientação Regional (IOR).

4.4 ANÁLISE DA ORIENTAÇÃO REGIONAL (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR) permitiu identificar a existência de orientação nas exportações de carne de frango para a África do Sul, China e União Europeia, visto que estes estão entre os principais mercados de destino da *commodity* brasileira no período 2006 a 2016.

Primeiramente foi efetuado o cálculo do IOR para a carne de frango exportada pelo Brasil. Com a realização deste cálculo foi possível identificar que dentre os três mercados analisados, apenas as exportações de carne de aves para África do Sul apresentaram orientação regional, pois o resultado do IOR para este país é superior a uma unidade em todo o período analisado, conforme apresentado na Tabela 4.

O IOR das exportações de carne de aves para União Europeia se manteve entre zero e uma unidade em todo o período analisado, apresentando ainda, um decréscimo no valor IOR de 2006 para 2016, o que segundo Fries (2013), se deve à redução das exportações brasileiras de carnes para o bloco.

Tabela 4:

Índice de Orientação Regional (IOR) para carne de frango exportada pelo Brasil

Anos	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
IOR África do Sul	4,33	3,71	2,73	3,51	4,87	4,75	3,66	3,03	3,10	2,99	2,52
IOR China	0,10	0,04	0,00	0,05	0,21	0,30	0,37	0,28	0,36	0,46	0,70
IOR União Europeia	0,48	0,32	0,27	0,31	0,28	0,31	0,31	0,28	0,24	0,23	0,18

Nota. Elaboração dos autores com dados do UmContrade (2017) e AliceWeb (2017).

O cálculo do IOR das exportações de carne de aves para a China também se manteve entre zero e uma unidade, revelando a não existência de orientação nas exportações para este país. Apesar da representatividade no intercâmbio comercial Brasil-China, tida como principal parceiro comercial do Brasil em volume, a participação das exportações de carne de aves sobre o total exportado àquele país é muito pequena (Brasil, 2017a).

Resultado similar a esse é relatado por Lopes *et al.* (2013) em seu estudo direcionado às exportações de fumo. Também se nota que a participação nas exportações de carne de aves sobre o total exportado à China apresentou índices crescentes no período de 2006 (0,23%) a 2016 (2,45%), refletindo no crescimento do IOR no período, indicando assim, uma tendência para orientação nas exportações de carne de aves à China nos próximos anos.

A fim de analisar com mais profundidade as exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses, também foi realizado o cálculo do Índice de Orientação Regional (IOR) para este grupo de exportadores nos três mercados analisados a nível de Brasil. A Tabela 5 apresenta o resultado do IOR das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses para África do Sul, China e União Europeia.

Tabela 5:

Índice de Orientação Regional (IOR) para carne de frango exportada pelas cooperativas paranaenses

Anos	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
IOR África do Sul	1,73	2,16	2,42	2,72	2,28	1,94	2,12	2,19	1,81	1,78	1,70
IOR China	0,14	0,09	0,03	0,15	0,42	0,94	1,08	0,91	1,34	1,33	1,49
IOR União Europeia	0,97	0,66	0,21	0,19	0,30	0,30	0,40	0,32	0,26	0,27	0,14

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados de Alice Web (2017).

O IOR das exportações de carnes de aves das cooperativas paranaenses para União Europeia se manteve menor que uma unidade, indicando a não orientação das exportações de carne de aves para este mercado. Também se nota uma queda gradativa no IOR entre os anos de 2006 e 2016, relacionada principalmente à redução nos volumes exportados para a União Europeia após 2011 (Fries, 2013).

Até 2011 o cenário das exportações brasileiras para União Europeia vinha sofrendo alterações com redução no volume de produtos acabados e com média/alta disponibilidade tecnológica e um discreto aumento nos volumes de *commodities* após 2011 (Schunke & Azevedo, 2016). Amaral *et al.* (2016) destacam que o aumento de exigências por parte dos importadores europeus, principalmente no que tange a fatores relacionados ao processo produtivo e à qualidade, além do aumento da produção local de carne de aves, impacta diretamente nos volumes exportados pelo Brasil.

Outro fator que contribui para a redução das exportações brasileiras é a substituição de produtos brasileiros por produtos oriundos de novos *players* que despontam no mercado com grande expressividade como China e Tailândia, além das políticas protecionistas adotadas pelo bloco (UmContrade, 2017).

A China vem se destacando no comércio mundial, sobretudo no Brasil, caracterizando uma relação de troca comercial intensa, baseada nas importações de bens manufaturados e exportações de *commodities* para o país asiático (Dantas & Jabour, 2016). Esse fortalecimento nas relações comerciais é refletido nas exportações das cooperativas paranaenses,

principalmente ao avaliar a carne de frango, que apresentou, a partir de 2012 (exceto em 2013), orientação para as exportações àquele país.

Dantas e Jabbour (2016) também destacam a importância da nova conjuntura no comércio externo brasileiro direcionada para estratégias comerciais, fortalecidas, sobretudo, no âmbito dos BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul]. A análise de Silva, Lima e Xavier (2011) acerca da inserção internacional dos países emergentes pertencentes ao BRICS revela um cenário de *superávit* comercial na balança comercial da China, enquanto os outros países apresentam um *déficit* para produtos de média/alta intensidade tecnológica.

Esse cenário revela a interação brasileira e sul africana para as *commodities* em geral e em especial para a *commodity* ‘carne de aves’. Ao analisar o IOR, as cooperativas paranaenses para as carnes de aves exportadas para África do Sul, verifica-se a existência de orientação regional, porém inferior ao IOR do Brasil para esse mesmo produto.

Nota-se uma dependência muito grande nas exportações das cooperativas paranaenses para África do Sul do produto ‘carne de aves’. Verificou-se que no período 2006 a 2016, 98% das exportações das cooperativas paranaenses para África do Sul foram desta *commodity*, revelando a dependência e justificando a existência de orientação regional das exportações.

Alguns fatores externos também podem influenciar a orientação regional das exportações de carne de aves, dentre esses fatores estão as medidas protecionistas adotadas pelos países importadores. Dessa forma, torna-se necessária a análise dos impactos dessas medidas protecionistas no comércio de carne de aves, por meio dos índices de Cobertura (IC) e Frequência (IF).

4.5 ANÁLISE DO ÍNDICE DE COBERTURA (IC) E DE FREQUÊNCIA (IF)

Após a análise dos fatores que contribuem para o crescimento do comércio de carne de aves, a existência de vantagem revelada nas exportações da *commodity* e a existência de orientação regional, também é necessário avaliar se a orientação e o comércio do produto em questão está, ou não, comprometido pela existência de medidas protecionistas não tarifárias adotadas pelos mercados estudados (África do Sul, China e União Europeia). As medidas protecionistas não tarifárias analisadas referem-se às medidas sanitárias e fitossanitárias (SPS) e também barreiras técnicas ao comércio (TBT).

Ao observar a incidência de barreiras SPS e TBT (Tabela 6) nota-se que no período analisado a China é o mercado que mais apresentou barreiras ao comércio mundial com 1.033

barreiras técnicas e 966 barreiras sanitárias e fitossanitárias. Dentre os três mercados, África do Sul é o que menos demonstrou protecionismo.

Tabela 6:

Incidência de barreiras TBT e SPS

Anos	TBT			SPS		
	União Europeia	China	África do Sul	União Europeia	China	África do Sul
2006	41	62	7	22	4	0
2007	35	89	12	19	4	0
2008	67	180	20	19	7	2
2009	63	200	28	28	92	1
2010	50	61	10	24	153	0
2011	63	88	15	22	169	4
2012	78	75	13	37	23	2
2013	93	80	12	25	90	1
2014	81	47	12	54	69	4
2015	75	97	8	34	339	4
2016	103	27	19	24	13	7
2017	83 ^a	27 ^a	6 ^a	49 ^a	3 ^a	6 ^a
Total	832	1.033	162	357	966	31

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados de Alice Web (2017).

^a Os valores de 2017 referem-se ao período de janeiro a setembro.

Isolando a incidência de barreiras SPS e TBT sobre o produto ‘carne de aves’, conforme apresentado na Tabela 6, nota-se que no período analisado a União Europeia apresentou maior índice de barreiras ao comércio. Esse alto número de medidas TBT e SPS, conforme destaca Corrêa (2016), revela um sinal de atenção aos países exportadores, ao aumentar os custos das operações de exportação, além de revelar o caráter protecionista do país aplicador de tais medidas.

Tabela 7:

Incidência de barreiras TBT e SPS para o produto ‘carne de aves’

Anos	TBT			SPS		
	União Europeia	China	África do Sul	União Europeia	China	África do Sul
2006	0	0	1	8	0	0
2007	0	0	0	5	0	0
2008	0	0	0	2	0	0
2009	0	0	0	1	0	0
2010	0	0	0	5	0	0
2011	0	0	1	6	0	0

Anos	TBT			SPS		
	União Europeia	China	África do Sul	União Europeia	China	África do Sul
2012	0	0	0	12	0	0
2013	1	0	2	7	0	0
2014	0	0	0	12	0	0
2015	0	0	0	8	0	0
2016	0	0	0	10	0	0
2017	0 ^a	0 ^a	0 ^a	6 ^a	0 ^a	4 ^a
Total	1	0	4	82	0	4

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados de UnComtrade (2017) e WTO (2017)

^a Os valores de 2017 referem-se ao período de janeiro a setembro.

Referente à aplicação de barreiras não tarifárias, a China se destaca por não apresentar barreiras ao produto ‘carne de aves’, apesar de apresentar a maior incidência quando se faz referência ao comércio geral. Esse fato está diretamente relacionado ao alto volume de carne de aves comercializado pelas cooperativas paranaenses para a China. Ao efetuar o cálculo dos Índices de Cobertura (IC) e de Frequência (IF) para o produto ‘carne de aves’, conforme exposto na Tabela 8, nota-se valores iguais a 0 indicando o baixo grau de proteção do país para o produto em questão além da baixa incidência de barreiras a essa linha tarifária.

A União Europeia apresentou IC e IF igual a 100% em todos os anos analisados, indicando que todas as linhas tarifárias analisadas e todo valor exportado para este mercado está sujeito a algum tipo de barreira, corroborando os resultados de Belonia e Silva (2007) em um período de análise anterior ao do presente estudo (1990-2003). Dessa forma, pode-se concluir que o protecionismo exercido pela União Europeia não é algo recente, mas uma política externa que se mantém desde a fundação do bloco econômico.

O alto índice de protecionismo está relacionado ao elevado nível de exigência dos consumidores europeus, principalmente relacionado à qualidade dos produtos e à seguridade sanitária e fitossanitária (Belonia & Silva, 2007; Amaral *et al.*, 2016). O cuidado excessivo dos europeus foi reforçado após o surgimento de problemas fitossanitários globais, como os focos de *influenza* aviária (Fries, 2013). Apesar do rigoroso sistema de garantia sanitária e fitossanitária promovido pelo governo brasileiro, o produto sofre restrições no comércio internacional.

Tabela 8:

Índices de Cobertura e Frequência para o produto ‘carne de aves’

Anos	União Europeia		África do Sul		China	
	IC	IF	IC	IF	IC	IF
2006	100	100	100	100	0	0
2007	100	100	0	0	0	0
2008	100	100	0	0	0	0
2009	100	100	0	0	0	0
2010	100	100	0	0	0	0
2011	100	100	100	100	0	0
2012	100	100	0	0	0	0
2013	100	100	100	100	0	0
2014	100	100	0	0	0	0
2015	100	100	0	0	0	0
2016	100	100	0	0	0	0

Nota. Fonte: Elaboração dos autores com dados de UmComtrade (2017) e WTO (2017)

Conforme apresentado na Tabela 8, a África do Sul apresentou IC e IF acima de 0 apenas em 2006, 2011 e 2013, indicando a abertura do país a importações de carne de aves das cooperativas paranaenses, pois como expressa Fries (2013), a ocorrência de valores iguais a zero para o IC e IF pode indicar a ausência de notificações sobre as linhas tarifárias estudadas. Esse resultado confirma a abertura comercial do país sul africano para os produtos brasileiros.

4.6 DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados de todos os índices utilizados nesta pesquisa foi possível traçar um panorama geral sobre as exportações de aves das cooperativas paranaenses, ressaltando a importância das cooperativas para as regiões em que atuam e para o agronegócio brasileiro. Isso só é possível pela efetividade na gestão dessa categoria de empresas que, apesar de seu cerne social, é capaz de crescer e conquistar seu espaço em mercados altamente competitivos e dominados por grandes corporações.

A Figura 21 apresenta os principais resultados desta dissertação, combinando o conjunto dos resultados obtidos em cada índice calculado, a fim de proporcionar a formação de uma visão única dos resultados obtidos. Dessa forma, é possível a identificação da competitividade e do desempenho das cooperativas paranaenses no cenário internacional (por meio dos índices utilizados) de forma sintetizada.

Objetivos da pesquisa	Resultados obtidos
a) Caracterizar o mercado mundial de carne de aves e o destino das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses.	Com relação à orientação regional das exportações de carnes de aves das cooperativas paranaenses, constatou-se que não existe orientação das exportações para União Europeia e também indica a existência de orientação regional para a China, a partir de 2012, e para a África do Sul durante todo o período analisado.
b) Analisar a evolução, tendência e participação das cooperativas paranaenses no comércio mundial de aves.	A exportação de carne de aves das cooperativas paranaenses é muito representativa para a economia dos municípios sede dessas empresas. De modo geral, por serem municípios pequenos, essas cooperativas por vezes se comportam como sendo a principal fonte de renda do município. As exportações das cooperativas paranaenses estão concentradas em poucos destinos, visto que mais de 80% do volume exportado tem como destino apenas 10 países. A análise do <i>Constant Market Share</i> comprovou a importância da China como parceiro comercial brasileiro, assim como para as cooperativas paranaenses. Os resultados também revelam que a competitividade não exerceu influência sobre o aumento das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses.
c) Verificar a existência de vantagem comparativa revelada nas exportações das cooperativas paranaenses.	As cooperativas paranaenses apresentam elevada vantagem competitiva para o produto cortes de frango, chamando a atenção para o fato de o IVCR das cooperativas paranaenses ser superior ao IVCR do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que são os três principais estados exportadores desse produto.
d) Mensurar o volume das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses comprometida por barreiras comerciais.	Dentre os três mercados analisados, identificou-se que a União Europeia apresenta maior índice de barreiras ao comércio de carne de aves brasileiras, enquanto África do Sul e China apresentam um baixo índice de protecionismo.

Figura 21. Alcance dos objetivos específicos

Fonte: Elaboração dos autores (2017).

Com a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se concluir que as cooperativas paranaenses exportadoras de carne de aves são importantes meios de **equilíbrio social e econômico** nos municípios em que estão inseridas. Isso porque a atuação destas cooperativas no comércio internacional é altamente representativa em seu PIB, indicando a importância econômica das cooperativas, corroborando para a relação positiva entre o cooperativismo e o PIB dos municípios com atividades do agronegócio, evidenciada no estudo de Jacques (2013).

No cunho social, as cooperativas também atuam como fonte de desenvolvimento e sustentação para pequenos produtores que, sozinhos, não poderiam comercializar seus produtos

internacionalmente, o que também é destacado por Boone e Özcan (2014), Gawlak (2007), Gurgel *et al.* (2009) e Höhler e Kühl (2014). Também evidenciou-se que as cooperativas em estudo são competitivas e atuam no mercado internacional com estratégias e direcionamentos de mercado muito similares às grandes corporações do segmento.

A participação de mercado e direcionamento das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses para os principais mercados consumidores mundiais revela que o cooperativismo é fator de **competitividade internacional**, o que também é evidenciado por Fries (2013), Pigatto, Ribeiro e Negreti (2016) e Zanella *et al.* (2016). Além de sofrer as mesmas restrições mercadológicas, sanitárias e fitossanitárias que as outras empresas do segmento, a competitividade é um fator determinante para a sobrevivência das cooperativas no mercado globalizado.

A representatividade das cooperativas paranaenses nas exportações brasileiras de carnes de aves, reflete a alta produtividade do estado. Também ressalta os elevados índices de vantagem comparativa exercidos pelas cooperativas paranaenses para o produto carne de aves, muito superior aos índices dos maiores estados exportadores deste produto, indicando a **representatividade** acentuada do setor cooperativista para o agronegócio brasileiro.

Os resultados apontam que o desempenho das cooperativas paranaenses no período, demonstrou a força do cooperativismo como fonte de sustentação para municípios e toda sua região de atuação, com números que superam o desempenho do estado e também do país. A solidez do sistema cooperativista é evidenciada ao se analisar separadamente o desempenho das exportações de carne de aves em subperíodos, dentro do período 2006-2016, visto que em períodos onde houve retração no comércio mundial, as cooperativas contrariaram as tendências e criaram oportunidades de crescimento.

Esse crescimento, pautado na solidez cooperativista, também está relacionado ao profissionalismo na administração das cooperativas, com altos investimentos em tecnologia e inovação (seguindo as tendências de mercado), sem transpor os princípios que embasam sua fundação. E, como resultado desses princípios, nota-se o cuidado com o desenvolvimento da região de atuação dessas cooperativas, pois também foi possível constatar que as cooperativas exportadoras do oeste do Paraná estão sediadas em cidades pequenas, cuja economia e desenvolvimento estão atrelados ao crescimento das cooperativas.

O Índice de Esforço Exportador dos municípios paranaenses onde se localizam os frigoríficos das cooperativas em estudo, revela a dependência da economia do município nas exportações dessas empresas. Isso atesta o princípio cooperativista de contribuir para o desenvolvimento da região e de seus cooperados e colaboradores.

O modelo do *Constant Market Share* permitiu identificar quais são as principais fontes de crescimento das exportações das cooperativas paranaenses. Os resultados revelam que os principais destinos das exportações brasileiras fortaleceram a comercialização com o Brasil, tendo como ator principal a China.

Por meio do Índice de Orientação Regional foi possível identificar que as exportações das cooperativas paranaenses estão orientadas para China e África do Sul, que coincidentemente, são dois países membros do BRICS. Esse fato comprova a importância da conjuntura do comércio brasileiro pautado nas relações comerciais fortalecidas por acordos e tratados internacionais.

Apesar da representatividade comprovada das cooperativas paranaenses nas exportações brasileiras de carne de aves, também foi necessário avaliar se esse volume representa alguma competitividade no mercado internacional. Por meio do Índice das Vantagens Comparativas Reveladas, foi possível identificar que as cooperativas paranaenses apresentam índices muito superiores aos do Brasil e dos principais países produtores mundiais de carne de aves.

Por fim, parte do comportamento das exportações das cooperativas paranaenses exportadoras de carne de aves é resultado das diversas barreiras não tarifárias estabelecidas para os produtos agroindustriais (principalmente as carnes) no mercado externo. Após o cálculo do Índice de Cobertura e Frequência, identificou-se que África do Sul e China não apresentam restrições consideráveis ao comércio de carne de aves, o que justifica o grande direcionamento das exportações das cooperativas para esses mercados. A União Europeia apresentou um alto índice de protecionismo, o que explica a queda nos volumes exportados para a Europa no período analisado.

Este trabalho permitiu a comprovação da relevância das cooperativas paranaenses no comércio exterior brasileiro, principalmente no que tange ao agronegócio e, em especial, o comércio de carne de aves. Além disso, a pesquisa agregou para a literatura considerando que as pesquisas acerca das exportações de cooperativas do ramo do agronegócio ainda ocupam um restrito espaço no campo acadêmico.

Assim, foi possível traçar um panorama das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses e comparar seu desempenho com o desempenho do Paraná e do Brasil. Além de verificar o direcionamento das exportações para mercados específicos e quantificar os efeitos das barreiras não tarifárias impostas pelos principais mercados de destino, constatou-se a elevada competitividade das cooperativas paranaenses no mercado internacional de carne de aves, em comparação com o desempenho geral brasileiro.

Estudos como os de Coronel, Machado e Carvalho (2009), Dorneles e Caldarelli (2013), Fries (2013), Fries, Conte e Coronel (2014), Lang (2015) e Laursen (2015), Silva, Lima e Xavier (2011) e Silva *et al.* (2016), abordam os mesmos conceitos de desempenho, porém, isolando apenas regiões (geralmente estados), sem abordar categorias específicas de empresas. Esse é um diferencial desta pesquisa, pois não foram localizadas outras pesquisas que isolam a *performance* de cooperativas de um determinado segmento para o cálculo de indicadores econômicos.

4.6.1 Limitações e pesquisas futuras

Como limitação desta pesquisa, cita-se a falta de atualização dos dados para o cálculo dos índices, em especial, o Índice de Esforço Exportador, que depende do PIB dos municípios para ser calculado, informação disponível somente até o ano de 2014. Outra limitação se dá pelo fato de os índices calculados serem pautados no desempenho já transcorrido, não sendo possível a previsão de cenários futuros.

Para pesquisas futuras sugere-se a incorporação de ferramentas que permitam a projeção de cenários, auxiliando assim na tomada de decisões estratégicas por parte das empresas exportadoras e do governo brasileiro, afim de fomentar as exportações do país.

Outra sugestão é analisar as exportações das cooperativas paranaenses dos diferentes setores, a fim de identificar se a relevância e a competitividade exercida pelas cooperativas paranaenses é exclusividade do setor do agronegócio (especialmente aves), ou se essa é uma prática dos diversos setores da economia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o papel de destaque que as cooperativas agroindustriais brasileiras vêm assumindo no cenário internacional, tem sido influenciado positivamente pelas políticas públicas internacionais e os acordos comerciais. Em especial, as cooperativas paranaenses, que exercem forte representatividade no volume produzido e exportado pelo Brasil em toda cadeia agroindustrial. Nesse contexto, a presente dissertação foi guiada pela seguinte questão: **Qual é o desempenho e a competitividade das exportações de carne de aves das cooperativas paranaenses?**

Muitos são os fatores que podem influenciar no desempenho de empresas que atuam no comércio internacional, dentre eles, fatores logísticos, disponibilidade de mão de obra, recursos naturais e financeiros, tecnologia, políticas públicas e acordos comerciais. O cálculo dos índices utilizados nesta dissertação permite um olhar mais aprofundado para alguns aspectos que influenciam no desempenho das empresas brasileiras atuantes do setor de carne de aves.

Destaca-se a necessidade de um trabalho constante relacionado às políticas públicas de incentivo às exportações, bem como de políticas de infraestrutura que favoreçam a circulação de mercadorias que são oriundas ou que tem como destino o exterior. O equilíbrio entre as importações e exportações garante o equilíbrio logístico e equilíbrio de oferta e demanda a muito tempo abordada nas Teorias Clássica e Neoclássica de comércio exterior.

As cooperativas são uma categoria de empresa que, no setor de carne de aves paranaense, apesar do desafio de competir com grandes corporações do setor, além de sofrer as mesmas restrições mercadológicas, sanitárias e fitossanitárias que as outras empresas do segmento, conseguem exercer competitividade no mercado mundial de carne de aves. Aqui destaca-se o trabalho de alta gestão realizado nas cooperativas, alinhando princípios existenciais e estratégia, o que garante a sua sobrevivência no mercado globalizado.

Ao analisar os indicadores calculados neste trabalho, conclui-se que o desempenho exercido pelas cooperativas paranaenses no mercado de carne de aves é superior à média dos outros exportadores brasileiros e paranaenses. Também notou-se que a representatividade das cooperativas nas exportações nacionais de carne de aves aumentou no decorrer do período analisado.

Esta dissertação propõe às organizações do setor, autoridades técnicas e políticas do segmento e academia, que os resultados obtidos sejam considerados indicadores da necessidade de uma atuação ativa e profissionalizada das organizações para garantir seu espaço no mercado, bem como uma forte atuação política pública na flexibilização de normas e restrições

(comerciais, sanitárias e fitossanitárias) entre os parceiros comerciais brasileiros, bem como a abertura de novos mercados para os produtos oriundos do agronegócio nacional. Estes fatores podem ser determinantes para a competitividade das organizações cooperativas no mercado internacional (sem esquecer que essas organizações são constituídas por pequenos produtores que isoladamente não teriam subsídios para atuar no mercado internacional).

REFERÊNCIAS

- Alexander, A. & Nicholls, A. (2006). Rediscovering consumer-producer involvement: A network perspective on fair trade marketing, *European Journal of Marketing*, 40 (11), 1236-1253, doi: 10.1108/03090560610702795.
- Alves, A. C. H., Brandalise, L. T. Ribeiro, I. & Carvalho, A. O. (2017). O consórcio de exportação como suporte para as cooperativas do oeste do Paraná. *CAP Accounting and Management*, 2017 (10), 8-24.
- Alves, G. J., Gomes, M. F. M., Almeida, F. M., & Gonçalves, L. V. (2014). Impacto da regulamentação SPS e TBT nas exportações brasileiras de uva no período de 1995 a 2009. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 52(1), 41-60.
- Amador, J. & Cabral, S. (2008). The Portuguese export performance in perspective: A constant market share analysis. *Banco de Portugal Economic Bulletin*, Autumn 201–221.
- Amaral, G. V., Conceição, R. L. C., Macedo, R. D. & Pires M. M. (2016). O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, 5(0), 1-17.
- Anholetto, C. D. & Massuquetti, A. (2014). A soja brasileira e gaúcha no período 1994-2010: uma análise da produção, exportação, renda e emprego. *Revista Economia e Desenvolvimento*, 13 (2) 379-404.
- Associação Brasileira de proteína animal [Abpa]. (2016). *Relatório anual 2016*. Recuperado em 01 abril, 2016, de http://abpa-br.com.br/storage/files/versao_final_para_envio_digital_1925a_final_abpa_relatorio_anual_2016_portugues_web1.pdf
- Associação Brasileira de proteína animal [Abpa]. (2017). *Relatório anual 2017*. Recuperado em 01 abril, 2016, de http://abpa-br.com.br/storage/files/3678c_final_abpa_relatorio_anual_2016_portugues_web_reduzi_do.pdf
- Ahmadi Esfahani, F. Z. (2006). Constant Market Shares Analysis: Uses, limitations and prospects. *Australian Journal of Agricultural and Resource Economics*, 50(4), 510-526.
- Balassa, B. (1965). Trade liberalisation and “revealed” comparative advantage. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, 33(2), 99-123.
- Bandeira, L. & Drouvot, H. (2007). Ethics as an international value-adding strategy of colored cotton in Brazil. *REAd-Revista Eletrônica de Administração*, 13(4), 1-16.
- Barca, I. M. L. V. (2012). Exportações do Rio Grande do Norte: Análise por vantagem comparativa revelada. 62f. (Dissertação – Mestrado em economia), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Barczysz, S. S. & Lima Filho, D. O. (2009). Agroindústria exportadora de frango de corte Sul-Mato-Grossense e os aspectos de internacionalização. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*, 2(2), 173-198.
- Belonia, C. C. P. & Silva, O. M. (2007). Indicadores de barreiras não-tarifárias nas exportações de carnes do Brasil. *Informe Gepec*, 11(1), 1-16.

- Begniss, H.S.M., Arend, S.C. & Estivaleta, V.F.B. (2014). Em frente ao espelho: a produção do conhecimento em cooperativas na Revista de Economia e Sociologia rural. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 52(1), 99-116.
- Benos, T., Kalogeras, N., Verhees, F. J., Sergaki, P. & Pennings, J. M. (2016). Cooperatives' organizational restructuring, strategic attributes, and performance: The case of Agribusiness Cooperatives in Greece. *Agribusiness*. 32(1), 127-150.
- Boone, C. & Özcan, S. (2014). Why do cooperatives emerge in a world dominated by corporations? The diffusion of cooperatives in the US bio-ethanol industry, 1978–2013. *Academy of Management Journal*, 57(4), 990-1012.
- Brasil. (2016). *Balança comercial brasileira: Cooperativas*. Recuperado em 04 novembro, 2016, de <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-cooperativas>>.
- Brasil. (2017a). Comex Vis: Brasil (Geral). Recuperado em 07 de maio, 2017, de <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-brasil>
- Brasil. (2017b). Diplomacia econômica, comercial e financeira. Ministério das Relações Exteriores. Recuperado em 21 de maio, 2017, de <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/diplomacia-economica-e-comercial>
- Brito, L. M. & Silva, O. M. (2016). Política agrícola brasileira e os acordos SPS e TBT da OMC: Padronização ou proteção? *Revista de Política Agrícola*, 15(2), 103-122.
- Cannon, T. (1980). Managing International and Export Marketing. *European Journal of Marketing*, 14 (1), 34-49.
- Carneiro, J. M. T. & Bianchi, C. Gomes, R. (2016). Exportações Brasileiras: Benefícios e Obstáculos na Percepção das Empresas. *Tecnologias de Administração e Contabilidade*, 6(1), 22-38.
- Carvalho, F. M. A. (1995). O comportamento das exportações brasileiras e a dinâmica do complexo agroindustrial. 126p. Tese (Doutorado em economia agrária) – Escola Superior de Agricultura Luiz Queiroz, Piracicaba.
- Carvalho, R. M. & Cunha Filho, M. H. (2015). Competitividade da fruticultura brasileira no mercado internacional. *Revista de economia e agronegócio*, 5(4), 547-566.
- Chang, M. S. (2011). Exportações brasileiras para a China e o Japão: padrões de especialização e competitividade. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia) – Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada [Cepea]. (2017). PIB AGRO. Recuperado em maio, 2017 de <http://cepea.esalq.usp.br/pib/>
- Coasul. (2017). Nossa história. Rwcuoerado em julho, 2017 de <http://www.coasul.com.br/institucional/conheca-a-coasul/>.
- Coelho, M. R. F. & Berger, R. (2004). Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho. *Revista da FAE*, 7(1), 51-65.
- Confederação Nacional do Transporte [CNT]. (2016). ANUÁRIO CNT DO TRANSPORTE. Recuperado em setembro, 2016 de <file:///E:/Sistema/Downloads/PrincipaisDados.pdf>

- Coronel, D. & Dessimon, J. (2007). vantagens comparativas reveladas e orientação regional da soja brasileira em relação à China. *Estudos do CEPE*, 0(26), 80-102.
- Coronel, D. A., Machado, J. A. D. & Carvalho, F. M. A. (2009). Análise da competitividade das exportações do complexo soja brasileiro de 1995 a 2006: uma abordagem de market share. *Revista de Economia Contemporânea*, 13(2), 281-307.
- Corrêa, C. R. (2016). Medidas tarifárias e técnicas ao comércio internacional de produtos industrializados: um olhar sobre os países avançados e emergentes. Tese (Programa de Pós Graduação em Economia Aplicada), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- Coutinho, E. S., Lana-Peixoto, F. V., Ribeiro Filho, P. Z. & Amaral, H. S. (2005). De Smith a Porter: um ensaio sobre as teorias de comércio exterior. *Revista de Gestão USP*, 12(4), 101-113.
- Dantas, A. T. & Jabbour, E. M. K. (2016). Estratégia e Comércio Internacional: A Importância da China ao Brasil. *Século XXI*, 7 (1), 77-88.
- Dorneles, T. M. & Caldarelli, C. E. (2013). Desempenho das exportações brasileiras e sul-mato-grossenses do complexo soja: uma análise de Constant-Market-Share. *Econômica*, 15(2), 139-162.
- Fairbairn, B. (1959). *Meaning of Rochdale: the Rochdale pioneers and the co-operative principles*. Saskatoon: University of Saskatchewan.
- Farias, J. J. (2000). Exportações do Rio Grande do Norte: Crescimento, Vantagens Comparativas Reveladas e o Problema da Concentração (1980-1995). Dissertação de Mestrado. UFPE -PIMES, Recife.
- Favro, J., Caldarelli, C. E. & Camara, M. R. G. (2015). Modelo de análise da oferta de exportação de milho brasileira: 2001 a 2012. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 53(3), 455-476.
- Ferreira, M. D. P., Lirio, V. S. & Mendonça, T. G. (2010). Análise do Perfil e Grau de Incidência de Barreiras Não-Tarifárias sobre as Exportações Brasileiras de Frutas Seleccionadas. *Documentos técnicos-científicos*, 41(4), 683-698.
- Figueiredo, A. M. & Santos, M. L. (2005). Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial de soja. *Política Agrícola*, 14(1), 9-16.
- Figueiredo, A. M., Santos, M. L. & Lirio, V. S. (2004). Análise de market-share e fontes de variação das exportações brasileiras de soja. *Revista de economia e agronegócio*, 2(3), 335-360.
- Fligenspan, F. B., Lélis, M. T. C., Cunha, A. M. & Clezar, R. V. (2015). The Brazilian exports of labor-intensive goods in the 2000s: an analysis using the Constant Market Share Method. *Economia*, 16(2015), 128-144.
- Fogarasi, J. (2008). Hungarian and romanian agri-food trade in the European Union. *Research Institute of Agricultural Economics*, 3(1), 3-13.
- Fries, C. D. (2013). Análise da competitividade das exportações do agronegócio gaúcho (2011-2012). 93f. Dissertação (Mestrado) em Administração – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Fries, C. D., Conte, B. P. & Coronel, D. A. (2014). Análise das exportações gaúchas de fumo (2001-2012). *Perspectiva Econômica*, 10(1), 1-13.

- Galleli, B., Sutter, M. B. & Mac Lennan, M. L. F. (2015). Perspectivas para a sustentabilidade na oferta de moda brasileira no mercado internacional. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 9(3), 45.
- Gawlak, A. (2007). Cooperativismo: primeiras lições. 3 ed. Brasília: SESCOOP.
- Gimenes, R. M. T. & Gimenes, F. M. P. (2007). Agronegócio cooperativo: a transição e os desafios da competitividade. *REDES*, 12(2), 92-108, mai./ago.
- Gomes, L. (2009). China "legaliza" frango do Brasil. Recuperado em agosto, 2017 de <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/china-legaliza-frango-do-brasil-92mqn0boejjksd0ssbqwc1kh>>
- Gurgel, Â. C., Bialoskorski Neto, S., Braga, M. B. & Ballieiro, C. (2009). Impactos dos acordos comerciais sobre as exportações de soja, café, aves e suínos das cooperativas agropecuárias brasileiras. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 47(4), 971-993.
- HERRERO, L. El Comercio Internacional. Madrid: AKAL, 2001.
- Höhler, J. & Köhl, R. (2014). Position and performance of farmer cooperatives in the food supply chain of the EU-27. *Annals of Public & Cooperative Economics*, 85(4), 579-595.
- Holland, M. & Xavier, C. L. (2005). Dinâmica e competitividade setorial das exportações brasileiras: uma análise de painel para o período recente. *Economia e Sociedade*, 14(1), 85-108.
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social [IparDES]. Produto interno bruto do Paraná e do Brasil a preços correntes de mercado - 2002-2016. Recuperado em julho, 2017 de: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/indices/tab_pib_01.pdf>.
- Jacques, E. R. (2013). Impacto das cooperativas de crédito sobre o PIB per capita dos municípios brasileiros: uma análise utilizando *propensity score matching* e *propensity score* generalizado. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Juswanto, W. & Mulyanti, P. (2003). Indonesia's manufactured exports: a constant market shares analysis. *Jurnal Keuangan dan Moneter*, 6(2), 97-106.
- Kohlhepp, G. (2010). Análise da situação da produção de etanol e biodiesel no Brasil. *Estudos avançados*, 24(68), 223-253.
- Lang, J. I. (2015). Análise da vantagem comparativa revelada do pescado, camarão e lagosta de 2000 a 2011 no Brasil e mundo. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- Laursen, K. (2015). Revealed comparative advantage and the alternatives as measures of international specialization. *Eurasian Business Review*, 5(1), 99–115.
- Leamer, E. E. & Stern, R. M. (1976). Quantitative international economics. Chicago: Allyn and Bacon.
- Lima, F. R. F. (2012). Rotas Internas de Produtos de Exportação: o caso da soja. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 0(123), 235-255.
- Lopes, M. M., Silva, R. A., Coronel, D. A., Vieira, K. M. & Freitas, C. A. (2013). Análise da competitividade das exportações agrícolas brasileiras para a China: uma análise do complexo soja e fumo. *Revista Uniabeu*, 6(13), 189-208.
- Lye, A. & Hamilton, R.T. (2000) Search and performance in international exchange. *European Journal of Marketing*, 34(1/2), 176-189, doi: 10.1108/03090560010306278.

- Maia, J. M. (2001). Economia internacional e comércio exterior. 7. ed. São Paulo: Atlas.
- Malhotra, N. K. (2011). Pesquisa de marketing: foco na decisão. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Maranhão, R. L. A. & Vieira Filho, J. E. R. (2017). *Inserção Internacional do Agronegócio Brasileiro*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: Ipea.
- Martins, R.S. & Caixeta-Filho, J.V. (2015). Evolução histórica da gestão logística do transporte de cargas. In J.V. Caixeta-Filho, & R.S. Martins (Org.). *Gestão logística do transporte de cargas*. (cap.1, pp. 15-31) São Paulo: Atlas.
- Massuquetti, A., Koch, J.L., Tamiosso, R. L. O., Amaral, F. M. & Lutz, L. (2016). As exportações de Santa Catarina e do rio grande do sul: um estudo do setor agropecuário no período 2000-2010. *Necat*, 5 (9), jan-jul, 70-86.
- Mill, J. S. (1996). *Princípios de Economia Política – Com Algumas de suas Aplicações à Filosofia Social*. São Paulo: Abril Cultural.
- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento [Mapa]. (2017). AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. Recuperado em 07/05/2017 de <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>
- Moura, G. B., Alberton, A., Marinho, S. V. & Platcheck, R. G. B. (2015). A Internacionalização da Marca Aliança: Ações Graduais ao Mercado Externo. *Revista Eletrônica de Administração*, 21(1), 248-268.
- Oliveira, B. A. C. & Oliveira, G. C. (2004). A competitividade internacional da indústria alimentícia brasileira: uma análise à luz da teoria porteriana. *Revista Eletrônica de Administração*, 10(2), 1-14.
- Organização das Cooperativas do Brasil [OCB]. (2017a). História do cooperativismo. Recuperado em maio, 2017 de < <http://www.ocb.org.br/#/historia-do-cooperativismo> >.
- Organização das Cooperativas do Brasil [OCB]. (2017b). Catálogo Brasileiro de Cooperativas exportadoras. Recuperado em 28 de maio, 2017 de <http://www.brasilcooperativo.coop.br/Site/cbcex/download/Catalogo.pdf>.
- Organisation for Economic Co-operation and Development [Oecd]. (2016). Recuperado em agosto, 2016 de <http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/5116021e.pdf?expires=1470503012&id=id&accname=guest&checksum=4EE41839F707934E7F4F3ECE882A9FBF>
- Pigatto, G., Ribeiro, B. C. S. & Negreti, A. S. (2016). Inserção no mercado internacional: análise do comportamento das exportações das empresas alimentícias da região de Marília/SP. *Revista Economia & Gestão*, 16(43), 126-151.
- Rebono, M. (2012). Introdução ao comércio internacional, in: SEGRE, G. (org.). *Manual prático de comércio exterior*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Reis, J. D. (2008). Análise do crescimento das exportações brasileiras de carne bovina entre 1990 e 2002: uma aplicação do modelo constant market share. *Ceres*, 55(3).
- Reisdorfer, V.K. (2014). *Introdução ao Cooperativismo*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Ricardo, D. (1996). Princípios de Economia Política e Tributação. São Paulo: Abril Cultural.
- Richardson, J. D. (1971). Constant-market-shares analysis of export growth. *Journal of International Economics*, 1(2), 227-239.

- Ritossa, C. M., Ferreira, J. M. & Predebon, E. A. (2010). Estratégias e indutores da internacionalização das cooperativas agropecuárias: o caso paranaense. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 9(2), 198-212.
- Sacchetti, S. & Tortia, E. (2016). The extended governance of cooperative firms: inter-firm coordination and consistency of values. *Annals of Public & Cooperative Economics*, 87(1), 93-116.
- Santander. (2017). Qual a participação do Agronegócio na economia brasileira em 2017. Recuperado em 17 de dezembro, 2017 de <https://www.santandernegocioseempresas.com.br/detalhe-noticia/qual-a-participacao-do-agronegocio-na-economia-brasileira-em-2017.html>
- Santos, G. R. D. & Freitas, R. E. (2017). Competitividade do Brasil no complexo soja-milho-aves: desafios e questões para as políticas públicas. *Radar*, 51 (0), 33-37.
- Santos, L. P., Avelar, J. L. B., Shikida, P. F. A. & Carvalho, M. A. (2016). Agronegócio brasileiro no comércio internacional. *Revista de Ciências Agrárias*, 39(1), 54-69.
- Schunke, J. C. & Azevedo, A. F. Z. (2016). Análise da Integração do Brasil-União Europeia-Brics através de um Modelo de Equilíbrio Geral. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 10(1), 1-20.
- Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná [Ocepar]. (2017). *Relatório de atividades e Prestação de contas 2016*. Recuperado em 28 de maio, 2017 de http://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/images/Download/relatorio_atividades_2016_2017.pdf
- Silva, C. L. (2001). Competitividade e estratégia empresarial: um estudo de caso da indústria automobilística brasileira na década de 1990. *Revista FAE*, 4(1), 35-48, jan./abr.
- Silva, M. G., Lima, D. J. P. & Xavier, C. L. (2011). Comércio internacional e especialização tecnológica dos BRICS entre os anos de 2000-2010. *Revista Economia Ensaios*, 25 (2), 53-70.
- Silva, M. L., Silva, R. A., Conte, B. P., Lermen, N. G., Coronel, D. A. & Bender Filho, R. (2016). Análise da competitividade dos principais complexos exportadores do agronegócio Gaúcho. *Sinergia*, 20(1), 9-18.
- Smith, A. (1985). *A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural.
- Souza, R. C. & Amato Neto, J. (2009). As transações entre supermercados europeus e produtores brasileiros de frutas frescas. *Gestão & Produção*, 16(3), 489-501.
- Tecnoalimentar (2017). Tailândia aumenta produção e exportação de carne de frango em 2017. Recuperado em 17 de setembro, 2017 de <http://www.tecnoalimentar.pt/noticias/tailandia-aumenta-producao-e-exportacao-de-carne-de-frango-em-2017/>
- Tondolo, V. A. G.; Bitencourt, C. C. (2006). A importância de um complexo portuário para o agronegócio cooperativo no estado do Rio Grande Do Sul. *Base*, 2(3), 34-43.
- Unitá Cooperativa Central [Unitá]. (2017). Sobre a Unitá. Recuperado em 16 de setembro, 2017 de < <http://www.unitacentral.com.br/new/>>
- Viegas, I. F. P. (2003). Impactos das barreiras comerciais dos Estados Unidos e União Europeia sobre a pauta de exportações agrícolas brasileiras. 2003. 68 f. Dissertação

(Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

- Vital, T. W., Moller, H. D., Favero, L. A., Sampaio, Y. D. S. B. & Silva, E. (2011). A fruticultura de exportação do vale do São Francisco e a crise econômica: efeitos sobre a convenção coletiva de trabalho 2009-2010. *Revista em Agronegócio e Meio Ambiente*, 4(3).
- Waquil, P. D., Alvim, A.M., Silva, L. X. & Trapp, G. P. (2004). Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Europeia. *Revista de Economia e Agronegócio*, 2(2), 137-160.
- Yeats, A. (1997). Does Mercosur's trade performance raise concerns about the Effects of regional trade arrangements? Policy research working paper. The World Bank, n. 1729.
- Zanella, C., Barichello, R., Rodrigues, M. P., Bagatini, F. M. & Bergamaschi, D. (2016). Competitividade em cadeias produtivas: uma análise bibliométrica a partir dos periódicos Capes. *Qualitas Revista Eletrônica*, 17(1), 58-80.
- Zilber, S. N., Mora Júnior, C. H. & Silva, F. L. (2010). Estratégia de internacionalização e canais de distribuição no mercado externo: análise do processo da empresa Natura. *Brazilian Business Review*, 7(3), 66-90.
- Zylbersztajn, D. (1994). Organização de cooperativas: desafios e tendências. *Revista de Administração*, 29(3), 23-32.

**APÊNDICE A – DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE AVES DAS
COOPERATIVAS PARANAENSES (US\$).**

Descrição do País	P I - 2014 a 2016	P II - 2010 a 2013	P III - 2006 a 2009
Japão	309.137.331	452.161.178	424.319.594
China	598.057.759	366.251.061	10.738.051
Hong Kong	116.817.449	155.703.463	226.168.538
Arábia Saudita	139.240.144	224.186.343	34.372.468
África do Sul	83.343.842	101.729.342	65.507.461
Emirados Árabes Unidos	117.570.408	88.097.684	40.600.567
Holanda	47.857.694	52.217.625	84.208.030
Rússia	84.093.631	41.766.427	7.517.228
Alemanha	17.608.318	21.585.947	82.063.520
Venezuela	300.960	69.351.675	46.739.251
México	105.750.312	7.938	0
Espanha	18.304.794	30.212.555	27.485.406
Canadá	21.308.029	32.608.135	3.716.214
Cuba	44.280.389	12.821.181	18.500
Coreia do Sul	33.597.937	14.514.264	7.031.471
Reino Unido	7.649.841	17.527.946	19.915.556
Cingapura	11.986.408	28.519.223	3.662.751
Turquia	35.364.819	1.635.673	2.456.750
Filipinas	20.304.597	17.861.118	765.484
Chile	18.552.161	12.430.613	0
Omã	9.819.104	17.422.578	3.575.931
Catar	14.154.880	12.528.608	2.837.023
Coveite (Kuweit)	12.845.998	9.266.630	5.117.954
Iraque	11.590.251	8.894.413	1.471.566
Antilhas Holandesas	7.990.883	5.831.360	1.276.306
Romênia	2.726.909	4.185.510	7.639.702
Aruba	5.053.935	6.192.720	1.561.160
Albânia	10.178.659	2.167.987	368.840
Portugal	2.780.264	5.781.190	4.009.436
Jordânia	6.025.303	4.134.726	1.607.890
Irlanda	2.736.189	6.870.095	1.684.431
Líbano	2.957.990	7.880.941	138.650
Maldivas	5.373.289	4.214.487	0
Barein	3.950.168	3.750.934	1.184.632
Bélgica	1.891.863	3.436.978	3.120.312
Vietnã	125.255	177.538	6.913.149
Líbia	2.741.504	4.402.308	0
Bulgária	749.904	2.414.317	3.712.848
França	2.529.664	2.570.764	1.122.325

Gana	764.068	3.028.099	2.430.019
Nova Caledônia	2.996.448	2.585.369	0
Croácia	0	5.030.332	158.100
Macedônia	401.017	1.828.173	2.658.875
Angola	2.089.058	1.261.342	1.530.259
Gabão	354.903	1.137.631	2.459.494
Suíça	2.029.402	1.002.989	829.772
Azerbaijão	1.340.941	2.123.746	118.883
Itália	551.517	1.955.698	990.766
Geórgia	726.084	1.154.879	1.516.003
Sérvia	1.402.540	845.303	793.987
Canárias, Ilhas	2.807.335	55.416	42.650
Granada	876.423	1.079.985	646.742
Grécia	567.895	1.013.537	719.555
Armênia	804.929	972.380	226.627
Iêmen	568.086	357.050	1.041.724
Bahamas	996.215	817.179	40.324
Mauritânia	0	953.513	735.072
Congo	134.060	162.600	1.256.163
Namíbia	1.488.140	57.200	0
Estados Unidos	317.548	690.601	409.756
Benin	0	661.524	750.001
Uruguai	1.407.724	0	0
Montenegro	190.113	713.531	481.743
Congo, República Democrática	140.140	171.247	976.949
Seicheles	866.603	149.754	199.818
Peru	1.048.811	110.338	54.045
Polônia	1.144.068	0	0
Haiti	837.989	164.371	25.754
Lituânia	129.600	851.874	12.738
Moldávia	60.063	757.328	37.952
Guiné Equatorial	175.547	314.067	296.855
Suriname	44.504	104.671	621.582
Dinamarca	193.308	13.397	498.385
Cabo Verde	0	317.934	333.446
Quênia	395.934	240.450	0
Chipre	0	109.657	357.102
Tunísia	81.880	350.576	0
Libéria	10.548	5.341	402.866
Paquistão	0	64.091	325.066
Sri Lanka	303.896	77.931	0
Egito	57.203	0	312.074
Ucrânia	0	75.377	286.529
Antígua e Barbuda	186.256	168.475	0
Belarus	326.195	0	0

Dominica	90.852	0	175.145
Quirguistão	0	0	245.655
Síria	181.361	0	34.670
Djibuti	75.009	128.464	0
Sudão	186.243	0	0
Afeganistão	0	0	171.625
Moçambique	24.700	95.625	46.695
São Cristóvão e Névis	101.787	50.720	0
Timor Leste	74.730	71.550	0
Costa do Marfim	0	0	134.004
Brunei	86.355	46.980	0
Virgens, Ilhas (Britânicas)	122.898	0	2.208
Tcheca, República	36.780	13.994	69.764
Iugoslávia	0	0	118.800
Paraguai	0	92.379	13.996
Trinidad e Tobago	0	33.750	68.197
Serra Leoa	0	13.770	83.046
Marrocos	95.400	0	0
Mongólia	94.620	0	0
Malásia	0	0	93.024
Mali	0	85.050	0
Suécia	0	0	83.353
Taiwan (Formosa)	0	75.704	0
Cazaquistão	74.400	0	0
Israel	66.380	0	0
Estônia	0	66.337	0
Bolívia	39.867	20.790	0
Gibraltar	59.823	0	0
Guiné-Bissau	31.620	0	0
Uganda	0	30.240	0
Reunião	0	0	25.500
Gâmbia	0	0	23.750
República Centro-Africana	0	0	19.492
Tailândia	0	15.597	0
Senegal	0	0	12.611
Liechtenstein	0	0	7.200